

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
CURSO DE GRADUAÇÃO EM RELAÇÕES INTERNACIONAIS**

RAFAEL VALENTIM DE SOUZA

**CRISE E APROXIMAÇÃO ENTRE RÚSSIA E TURQUIA: IMPACTOS
DA DERRUBADA DO SUKHOI SU-24 DURANTE O CONFLITO SÍRIO**

**JOÃO PESSOA – PB
2018**

RAFAEL VALENTIM DE SOUZA

**CRISE E APROXIMAÇÃO ENTRE RÚSSIA E TURQUIA: IMPACTOS DA
DERRUBADA DO SUKHOI SU-24 DURANTE O CONFLITO SÍRIO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
como requisito parcial para a conclusão do Curso
de Graduação em Relações Internacionais da
Universidade Federal da Paraíba.

Orientador: Prof. Dr. Augusto W. M. Teixeira Jr.

JOÃO PESSOA - PB
2018

Catlogação na publicação
Seção de Catlogação e Classificação

S729c Souza, Rafael Valentim de.

Crise e aproximação entre Rússia e Turquia : Impactos da derrubada do Sukhoi Su-24 durante o conflito sírio / Rafael Valentim de Souza. - João Pessoa, 2018.
68 f.

Orientação: Augusto Wagner Menezes Teixeira Jr.
TCC (Especialização) - UFPB/CCSA.

1. Rússia. 2. Turquia. 3. Síria. 4. Oriente Médio. 5. Geopolítica. I. Wagner Menezes Teixeira Jr, Augusto.
II. Título.

UFPB/CCSA

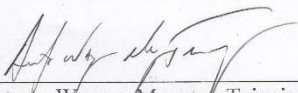
RAFAEL VALENTIM DE SOUZA

**CRISE E APROXIMAÇÃO ENTRE RÚSSIA E TURQUIA: IMPACTOS DA
DERRUBADA DO SUKHOI SU-24 DURANTE O CONFLITO SÍRIO**

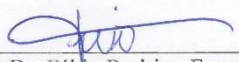
Monografia apresentada ao Curso de Relações
Internacionais da Universidade Federal da
Paraíba, como requisito parcial à obtenção do
título de bacharel (a) em Relações
Internacionais

Aprovado (a) em 01 / 11 / 2018

BANCA EXAMINADORA


Prof. Dr. Augusto Wagner Menezes Teixeira Junior (Orientador)
Universidade Federal da Paraíba - UFPB


Prof. Dr. Italo Fittipaldi
Universidade Federal da Paraíba - UFPB


Prof. Dr. Fábio Rodrigo Ferreira Nobre
Universidade Estadual da Paraíba - UEPB

AGRADECIMENTOS

Chegar até aqui não foi fácil. Muitos obstáculos e desafios tiveram de ser superados. A vida acadêmica me mostrou que a vida é composta de lutas dia após dia. Hoje, acredito que a universidade nos ensina muito sobre ela. Nela, aprendi ainda mais que nem sempre vencemos e que as derrotas são nada mais do que momentos de grande aprendizado, onde criamos novas bagagens para seguirmos nossas vidas com mais sabedoria e resiliência.

Primeiramente, agradeço a Deus por me proporcionar a saúde e sabedoria suficientes para que eu pudesse chegar até esse momento. Sem a minha fé nele, tenho absoluta certeza de que tudo se tornaria mais difícil.

Aos meus pais, que durante todos os momentos da minha vida me ofereceram apoio e amor incondicionais. Sem a base de vocês dois, tenho a absoluta certeza de que eu não seria nem metade do que sou hoje. Agradeço pela paciência, pela confiança e por estar ao meu lado em absolutamente todas as minhas decisões, e também aos puxões de orelha quando fui merecedor. Agradeço também aos meus irmãos, os quais me deram apoio fundamental.

Agradeço a Sarah, que foi o meu norte durante todo esse processo. Passamos por tudo, de bom e de ruim, literalmente, juntos nessa jornada. Sem a sua presença, tenho certeza que teria muitas dificuldades em seguir em frente. Você foi muito mais do que a minha maior companheira, passou a representar muito mais do que isso. Digo sem medo de errar, sem você eu não teria chegado até aqui. A sua alegria e jeito de lidar comigo serão lembrados por mim pelo resto da minha vida. Só tenho a agradecer por todo o apoio e carinho que nunca me faltaram. Também não posso esquecer da sua família, em especial a Mariluze, pessoa a qual eu tenho a mais alta admiração. Sempre me tratou como um filho e me fez sentir especial sempre que estive na sua presença.

Aos meus amigos, em especial os Internacionalis. Marina, Mayrlon, Armstrong, Bruna, não consigo imaginar o que seria essa caminhada sem a presença de vocês. Os papos nos corredores e as saídas eram sempre garantia de diversão.

Agradeço ao meu orientador Augusto Teixeira por despertar em mim o gosto pela geopolítica e pelas dicas precisas e valiosas dadas na construção deste trabalho. Aos professores do Departamento de Relações Internacionais, que contribuíram enormemente na construção do meu saber dentro da universidade.

Agradecer individualmente a todos que de certa forma me auxiliaram nesse caminho seria uma tarefa impossível em um espaço tão limitado. Foram incontáveis o número de

peessoas que, ao longo dessa jornada, dividiram comigo as alegrias e tristezas vividas por mim.
A todos o meu muito obrigado!

RESUMO

O presente trabalho aborda quais os impactos que a Crise dos Jatos, durante o conflito na Síria, no ano de 2015, teve nas relações geopolíticas entre Rússia e Turquia. A derrubada do caça russo Su-24 pelas forças turcas trouxe um novo panorama para o conflito na Síria, assim como para o desenrolar das relações entre os dois países. À luz de teorias da geopolítica clássica e também dos Complexos de Segurança Regionais (CRS), será explicado qual a importância dentro do aspecto geopolítico que ambos os países possuem, e por meio de um panorama histórico será fornecida a base para comparação das relações pré e pós a crise dos jatos. Diante deste comparativo, percebeu-se que apesar de uma deterioração momentânea das relações entre Rússia e Turquia logo após o abate do avião de combate, os dois países caminharam para uma melhora diplomática significativa, culminando inclusive com a aquisição de equipamentos militares russos por parte das forças turcas.

Palavras-chave: Rússia; Turquia; Síria; Oriente Médio; Geopolítica.

ABSTRACT

This paper discusses the impact of the Jet Crisis during the conflict in Syria in the year 2015 on the geopolitical relations between Russia and Turkey. The downing of the Russian Su-24 fighter jet by Turkish forces has brought a fresh outlook for the conflict in Syria as well as for the development of relations between the two countries. In the light of theories of classical geopolitics and also of Regional Security Complexes (RSC), it will be explained how important the geopolitical aspect of both countries is, and through a historical overview will be provided the basis for comparing pre- after the jet crash. In the face of this comparison, it was noted that despite a temporary deterioration in relations between Russia and Turkey shortly after the collapse of the combat aircraft, the two countries advanced to a significant diplomatic improvement, culminating even with the acquisition of Russian military equipment by the Turkish forces.

Keywords: Russia; Turkey; Syria; Middle East; Geopolitics.

LISTA DE ABREVIATURAS

CRS	Complexo Regional de Segurança
FSA	Exército Livre da Síria
ISIS/ISIL	Estado Islâmico do Iraque e do Levante
OM	Oriente Médio
ONG	Organização Não-Governamental
ONU	Organização das Nações Unidas
OTAN	Organização do Tratado do Atlântico Norte
PKK	Partiya Karkerên Kurdistanê (Partido dos Trabalhadores da Turquia)
UE	União Europeia
URSS	União das Repúblicas Socialistas Soviéticas

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
1. UMA PERSPECTIVA HISTÓRICA: AS RELAÇÕES RUSSO-TURCAS NO SÉCULO XX E INÍCIO DO SÉCULOXXI.....	14
1.1 Aportes teóricos.....	14
1.2 Primeira e Segunda Guerra Mundial.....	19
1.3 Guerra Fria.....	23
1.4 Pós Guerra Fria.....	26
2. O CONFLITO NA SÍRIA.....	33
2.1 Panorama sobre as motivações e desenvolvimento no conflito.....	33
2.1.1 Atores envolvidos no conflito e motivações.....	36
2.2 Participação da Rússia e da Turquia no conflito.....	40
2.2.1 Rússia.....	40
2.2.2 Turquia.....	43
2.3 Ponto crítico: A derrubada do caça Sukhoi SU-24.....	45
3. IMPACTOS E DESENVOLVIMENTO DAS RELAÇÕES TURCO-RUSSAS PÓS DERRUBADA DO CAÇA SU-24 RUSSO.....	40
3.1 Processo de normalização das relações.....	55
CONCLUSÃO.....	61
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	64

INTRODUÇÃO

O objetivo do presente trabalho consiste em demonstrar de que forma a derrubada do caça russo pelas forças turcas no ano de 2015, que ficou conhecida como a “Crise dos Jatos”, influenciou nas relações entre a Rússia e a Turquia. Este episódio trouxe uma forte tensão nas relações entre os dois países, além do medo de um conflito armado de grandes proporções. Entretanto, ao contrário da esperada deterioração da relação bilateral, os dois países aparentam uma reaproximação estratégica. A materialização desta afirmação se dá, por exemplo, no interesse turco na aquisição dos sistemas de defesa antiaérea russos S-400. Será dada ênfase para o aspecto geopolítico destas relações no intuito de se entender quais as nuances e motivações que levam os dois países a uma história de cooperação e conflitos ao longo do tempo.

As relações entre Rússia e Turquia têm uma longa e carregada dimensão histórica, e a competição entre as duas nações existe ainda hoje, refletida em aspectos geopolíticos, econômicos e até mesmo ideológicos. Na realidade atual criada pela Primavera Árabe, iniciada em 2011, há uma luta por influência na reformulação da ordem regional no Oriente Médio. A Rússia e a Turquia encontram-se envolvidas neste processo e competem entre si para melhorar a sua capacidade de influenciar os desenvolvimentos regionais. Ao mesmo tempo, desde o estabelecimento da república turca, o país tradicionalmente evita o confronto direto com a Rússia, e surge a questão de saber se essa dinâmica prevalecerá diante da situação apresentada durante o conflito sírio e a crise dos jatos.

O fato de a Turquia ser vista como representante local da OTAN e do Ocidente no Oriente Médio afeta suas relações com a Rússia e nas perspectivas de estreitar essas relações. Ao mesmo tempo, a Turquia é um ator regional independente, ou seja, possui uma agenda própria. Especialmente no contexto da guerra civil na Síria, tanto a Rússia quanto a Turquia têm interesses e agendas diferentes e, portanto, encontram-se em lados opostos no cenário geopolítico do conflito. É importante afirmar que a fricção entre os dois países, no entanto, não se limita ao Oriente Médio, e se estende também às regiões da Ásia Central e do Cáucaso da antiga União Soviética, e ao conflito em desenvolvimento no Mar Mediterrâneo.

Durante a última década, Rússia e Turquia desenvolveram uma aliança estratégica formal baseada em fortes laços econômicos, projetos conjuntos de energia e antiocidentalíssimo mutuamente compartilhado. Além disso, os presidentes Vladimir Putin e Recep Tayyip Erdoğan desenvolveram um relacionamento pessoal, sempre minimizando

divergências políticas. Depois que a Turquia abateu um caça russo na Síria, as relações russo-turcas entraram em uma profunda crise. A derrubada do caça russo Sukhoi-24¹ pelas forças turcas na fronteira entre a Turquia e a Síria trouxe um aumento súbito não só nas tensões entre os dois países, mas também para o cenário internacional, vendo este fato como um possível início de um conflito sem precedentes.

A guerra na Síria configura-se como um dos piores conflitos desde o fim da II Guerra Mundial (COLLINS, 2017). Ainda nos dias atuais, a violência presenciada no país gera uma crise humanitária sem precedentes, sendo considerada a pior crise migratória, também desde a IIGM (DHAR, 2018). Rússia e Turquia são atores centrais dentro deste panorama. As duas nações buscam afirmar suas políticas externas e defender seus interesses geopolíticos. A derrubada do caça Su-24 pelos turcos gerou uma enorme tensão no cenário internacional, devido ao risco de um conflito armado iminente.²

Diante do exposto, é notória a importância destes atores no sistema internacional, sobretudo nos últimos anos. As relações entre os dois países, assim como as decisões tomadas pelos seus governantes, afetam diretamente o comportamento das dinâmicas geopolíticas em âmbito regional e global. É de grande importância compreender esta nuance geopolítica envolvendo Rússia e Turquia, que tanto afetam o equilíbrio de poder nos seus entornos estratégicos. Desta forma, a crise dos jatos envolvendo a Federação Russa e a Turquia tornou-se objeto de desejo de um estudo mais aprofundado, fornecendo um alicerce para a construção desta pesquisa.

A metodologia adotada neste trabalho consiste na utilização de análise documental e notícias – online, físicas e revisões bibliográficas. A análise de documentos foi fortemente ancorada em arquivos disponibilizados pelo governo Turco e Russo, além de *Think Tanks* prestigiados. A revisão de bibliografia se deu por meio da leitura de livros e artigos, além disso, a utilização de notícias dos principais meios de comunicação mundiais, a fim de se manter a credibilidade das informações aqui contidas.

Para o entendimento de como a derrubada do avião militar russo afetou a relação entre os dois países, faz-se necessário a sistematização de um panorama histórico que servirá como pano de fundo para a compreensão das relações entre a Turquia e Rússia ao longo do tempo. Desta forma, o primeiro capítulo será dedicado a realizar um apanhado dos principais aspectos históricos das relações entre as nações dentro do século XX e início do século XXI.

¹ Disponível em: https://sputniknews.com/trend/russia_syria_su24_downed_2015/ Acesso em: 28 set. 2018

² O papel da Rússia e Turquia no conflito sírio, assim como as tensões geradas pelo abate do caça russo, serão abordados no segundo capítulo deste trabalho.

No segundo capítulo será abordado o contexto que está inserido a guerra civil na Síria, como as suas motivações e desenvolvimento. Dentro deste contexto, será dada atenção especial as participações dos países objeto de estudo do presente trabalho, assim como destrinchar quais são as suas motivações e objetivos dentro do conflito. Ademais, e mais importante, será feito um panorama sobre a derrubada do Caça russo Su-24 pela Turquia, perpassando pelos acontecimentos e primeiras reações de Ancara e Moscou, além de outros atores importantes para o melhor entendimento, como os Estados Unidos e membros da OTAN.

O terceiro capítulo abordará os reflexos que a crise dos jatos trouxe para as relações entre os dois países, sendo apresentado os diversos aspectos e medidas tomadas pelos respectivos governos e líderes. Além disso, serão apresentadas as motivações para as tomadas de decisões em relação ao episódio, assim como os seus interesses no Oriente Médio.

1. UMA PERSPECTIVA HISTÓRICA: AS RELAÇÕES RUSSO-TURCAS NO SÉCULO XX E INÍCIO DO SÉCULO XXI

1.1 Aportes teóricos

Com seus laços históricos, étnicos e culturais e posicionamento geográfico, a Turquia e a Rússia ocupam uma posição altamente significativa em termos de manutenção da paz global e regional, bem como desenvolvimento e cooperação em suas respectivas regiões. As relações atuais entre a Turquia e a Rússia são o produto de várias fases que seguiram um caminho sinuoso que serão abordadas neste capítulo, com ênfase no século XX, percorrendo desde o fim da I Guerra Mundial até o início do século XXI. Desta forma, podemos trazer à luz as teorias que abordam estas questões, de forma a compreender as motivações e os pensamentos das formulações das políticas da Rússia e da Turquia, especialmente no tocante ao aspecto geopolítico. Como citado anteriormente, a geografia é um dos fatores que predispõe a Rússia e a Turquia a uma história envolvendo diversos conflitos. (HARRIS, 2015).

Ratzel, em seu livro *Politische Geographie* (1897) discorre que a geografia promove uma interferência significativa nas relações políticas (RATZEL, 1988). A partir disto, foram iniciados diversos estudos com o objetivo de entender mais profundamente em como o fator geográfico interfere na política internacional. Sendo assim, surge uma nova vertente da geografia política onde os aspectos geográficos podem estar diretamente ligados aos interesses nacionais.

Diante deste contexto, a Eurásia configura-se como uma região de importância significativa para as relações internacionais. Sob a perspectiva geopolítica e geoestratégica, há uma forte sobreposição entre os interesses externos dos dois Estados, sumariamente no que tange às regiões que os circundam.

Desde a mudança na política turca e sua maior ênfase no Oriente Médio, os desacordos russo-turco sobre esta região se intensificaram. A Rússia, que investiu pesadamente em um esforço contínuo para se posicionar na região como um poder equivalente, em influência, aos EUA, encontra-se em rota de colisão com a Turquia, que está reivindicando a liderança regional para si mesma, tanto por direito próprio quanto um membro da OTAN. (HARRIS, 2015).

Os contínuos e complexos distúrbios no mundo árabe criaram uma nova situação no Oriente Médio e na situação internacional em geral. Consequentemente, os poderes com interesses na região, incluindo a Rússia, devem tomar medidas para renovar a sua influência e adaptar a sua política aos novos desafios, a fim de moldar a futura ordem regional.

Mergulhado na literatura da Geopolítica podemos encontrar um autor primário para que se possa analisar a região onde estão localizados os dois países abordados neste trabalho. Halford Mackinder, em seu artigo *The Geographical Pivot of History*, mostra qual a relevância estratégica de uma porção de terra situada “[...] entre a Ásia Central e o Mar Cáspio, abrange o Cazaquistão, Armênia, Azerbaijão, Quirguistão, Tadjiquistão, Turcomenistão, Uzbequistão, Sibéria Ocidental e parte setentrional do Paquistão, e é circundado pelo Afeganistão, Síria, Turquia, Rússia, China, Índia e Irã” (MACKINDER, 1904. p. 32)

Esta área é considerada como o “*pivot*” do equilíbrio global, e o Estado que obtivesse o controle dela teria grandes vantagens físicas proporcionadas por barreiras naturais e também contando com um grande potencial de exploração dos recursos minerais. Logo, o Estado que dominasse o *Heartland*, comandaria toda a Eurásia, além de controlar suas das três regiões econômicas mais produtivas e avançadas do mundo, tornando-se uma potência terrestre sem precedentes. (MACKINDER, 1904)

Como veremos adiante, a queda da União Soviética, em 1991, trouxe um período em que os conflitos geopolíticos protagonizados por Rússia e Turquia passam a apresentar uma faceta. Contudo, estes conflitos serão robustecidos em 2015, quando há a entrada mais incisiva da Rússia no conflito da Síria e em grande parte posicionando-se contra as reivindicações turcas na região. (ARKTÜRK, 2016)

A série de protestos e rebeliões conhecida como a “Primavera Árabe”, que será abordada no segundo capítulo deste trabalho, constituiu um desenvolvimento crítico para a dinâmica geopolítica que opôs Rússia e Turquia. Com o desenvolvimento dos protestos, a Turquia posicionou-se em favor dos movimentos considerados revolucionários que provinham da Líbia, Egito e Tunísia em prol do modelo democrático liderado pelo partido islâmico. Enquanto a Rússia decidiu apoiar os regimes em curso, dando suporte a permanência do ditador líbio Muamar Kaddafi no ano de 2013. (ARKTÜRK, 2016)

A visita do Presidente russo Vladimir Putin à Turquia em 1 de dezembro de 2014, foi realizada em um contexto de sanções ocidentais aplicadas contra a Rússia (amplificadas pela ocupação na Criméia) as quais a Turquia não participou, levando alguns a pensar que havia uma “aliança” russo-turca em construção. Desta forma, o abate do Su-24 russo em 24 de

novembro de 2015, abordado no próximo capítulo, foi um choque, sendo interpretado como a principal causa da mais espetacular crise dentro do século XXI nas relações entre os dois países (AKTÜRK, 2016; ALARANTA, 2016).

Sendo assim, a região do Oriente Médio configura-se como o tabuleiro geopolítico central na divergência dos interesses entre a Turquia e a Rússia. Após a ascensão do partido AKP³ ao poder, a Turquia passa a buscar por uma política externa independente e que estivesse menos ligada ao Ocidente, além disso, objetivou aumentar a importância dada pelo país em relação ao Oriente Médio. Desta forma, a política externa turca teve como seu Norte a aproximação bilateral e multilateral com os demais países da região por meio de uma diplomacia ativa e marcada pela participação em cizânias, sendo, inclusive, peça importante na mediação dos conflitos sírio-israelenses no ano de 2008 (KANAT, 2010).

Ainda dentro desta perspectiva, a atuação russa na região do Médio Oriente foi norteada pelo pragmatismo de manter-se distante das hostilidades que surgiram com a eclosão da Primavera Árabe, assumindo um posicionamento mais de destaque e ativo apenas a partir de 2014. Isto se deve ao fato da indefinição da situação da crise da Ucrânia e anexação da Crimeia, fazendo a política externa russa concentrar-se no Oriente Médio, tornando-se fortemente voltada para a Síria, a fim de defender seus objetivos estratégicos e geopolíticos. (KANAT, 2010).

Diante do exposto, percebemos a importância que a região do Oriente Médio tem para ambos os países no seu pensamento geopolítico. As “regiões” tornaram-se objeto prioritário nas ações dessas potências. Percebendo a necessidade de desempenhar um papel protagônico em suas áreas de influência cuja proximidade geográfica é patente, estes países buscam incrementar os arranjos cooperativos com parceiros regionais em diversas áreas, entre elas na segurança e defesa. Este processo, previsto e analisado por teóricos desde a década de 1990 (HURRELL, 1995; LAKE e MORGAN, 1997; BUZAN; WAEVER, 2003), estaria associado à regionalização da política mundial e a reorganização das dinâmicas de segurança e defesa com bases regionais, em “Complexos Regionais de Segurança” (CRS).

O modelo dos Complexos de Segurança Regional (CRS) baseia-se na interdependência entre os principais interesses de segurança nacional de um grupo de Estados geograficamente compactos ou próximos. Barry Buzan (2003) identifica o CRS como “um grupo de Estados cujo as principais preocupações de segurança são suficientemente próximas, de modo que

³ Adalet ve Kalkınma Partisi (Partido da Justiça e Desenvolvimento)

seus objetivos em segurança nacionais não possam ser verdadeiramente separados uns dos outros (BUZAN; WAEVER, 2003. p. 51)

Esta interdependência intrínseca da segurança dos Estados inseridos em um modelo CRS é gerada em várias dimensões, tais como interesses comuns e conflitantes, comportamentos interdependentes e percepções interconectadas. E, claro, tudo isso possui uma base geográfica regional. Para Buzan, os CRS representam a maneira pela qual a esfera de preocupação que qualquer Estado tem sobre seu ambiente, interage com a ligação entre a intensidade de ameaças militares e políticas, e a falta de alcance sobre o qual elas são percebidas (BUZAN; WAEVER, 2003)

Ainda segundo Buzan e Weaver (2003), existem vários tipos e formas de Complexos Regionais. A tipologia mais geral distingue-se entre um CRS padrão ou centralizado. Segundo os autores, no CRS centralizado, a dinâmica das relações de segurança é determinada por uma potência encontrada em seu centro. Os autores passam a identificar três formas: a centrada em um grande poder - a Rússia no espaço pós-soviético; em uma superpotência - os Estados Unidos na América do Norte; e, finalmente, em uma instituição (CRS institucional) - a União Europeia.

É importante citar que ambos os tipos (padrão e centralizado) são anárquicos, embora em graus diferentes. No CRS padrão, que tem uma estrutura de poder relativamente equilibrada, os participantes são mais autônomos quando se trata de estabelecer relações bilaterais. No CRS centrado, por outro lado, essas relações são de fato reguladas pelo ator central, seja com a ajuda do uso clássico da força ou através de mecanismos institucionais, enquanto os participantes permanecem, de jure, independentes. (BUZAN; WAEVER, 2003)

O CRS do Oriente Médio não apresenta nenhum poder dominante, mas vários poderes regionais concorrentes: Turquia, Irã, Arábia Saudita e Israel. Sua estrutura é, portanto, decididamente anárquica, em especial no momento atual, quando os EUA (um poder global) e a Rússia (um grande poder extrarregional) interviram na região e particularmente no conflito sírio. A capacidade da Rússia deve ser vista como um influenciador e intermediário, sem a capacidade de ditar soluções, como os EUA tentaram fazer em algumas ocasiões (como a Guerra do Golfo). Enquanto Estados não árabes, como a Turquia, anteriormente só desempenharam um papel marginal no CRS, agora são Estados que aumentam sua influência e figuram como potências regionais dominantes junto com a Arábia Saudita e Israel, enquanto o Egito não mais desempenha um papel importante costumava fazer, devido a seus conflitos internos que enfraquecem sua capacidade de projetar poder fora de suas fronteiras (SCHMIDT, 2017)

Nessa mesma perspectiva, pode-se inserir a análise de Zbigniew Brzezinski (1997), desenvolvida ainda em um contexto de guerra fria, acerca das chamadas Frentes Basilares que trouxeram ainda mais evidências para a importância desta região. O autor discorre sobre a Primeira Frente Basilar corresponde a uma linha vai percorre um caminho dos países bálticos até a região da Turquia, projetando seu poder no Mediterrâneo. A Terceira Frente Basilar, a ser abordada nesta pesquisa, refere-se à porção sudoeste do continente Eurasiático, correspondente ao território da fronteira entre Turquia e Irã, até o norte da Índia. Esta frente é de extrema importância, pois possibilitava uma defesa em profundidade, segundo o autor. É partir disso que podemos perceber a importância do Oriente Médio para a geopolítica dos dois países (BRZEZINSKI, 1997).

Outra variável relevante para o presente trabalho repousa na teoria de Samuel Huntington, em sua obra *The Clash of Civilizations* (1996): as Civilizações. A obra de Huntington discorre sobre a presença de identidades civilizacionais, que aqui podemos destacar a Cristã Ortodoxa e a Islâmica. A primeira é notoriamente conduzida pelo Estado Russo, que representa assim o *Estado Núcleo* da civilização. Segundo Huntington (1996), a Islâmica, no entanto, carece de um Estado líder. Apesar disso, a Turquia mostra-se, ao lado de Irã, Egito e Arábia Saudita, como um dos líderes desta civilização. Para o autor, isso importa na medida em que, dada a proximidade dos países aqui tidos como objeto de pesquisa, um possível embate entre ambos poderia representar um conflito de *Estados Núcleo* a nível global.

Podemos então apresentar um sentido mais preciso do que o apresentado por Huntington, uma ideia do mundo dividido em civilizações antigas que têm sua manifestação contemporânea na forma de Estados nacionais turcos e russos, que é apresentado no trabalho de Ahmet Davutoğlu, *Strategic Depth*, um livro que teve um impacto profundo na política externa turca durante a era AKP. No livro, Davutoğlu vê claramente não só o Ocidente, mas também a Rússia como um adversário “natural” para a Turquia. (Davutoğlu 2001). Segundo o autor, os países desenvolveram fortes laços econômicos, concordaram com projetos conjuntos de energia e utilizaram a agenda antiocidental um do outro para seu próprio benefício, mas acabaram vendo um ao outro como “parceiros não naturais” no contexto de uma rivalidade de longa data.

Diante deste cenário, é possível perceber que a série de protestos e rebeliões antiautoritários que veio a ser conhecida como a “Primavera Árabe” constituiu um desenvolvimento crítico para a dinâmica geopolítica que opôs a Turquia e a Rússia, mais estritamente sobre a Síria no ano de 2015. Porém, para uma melhor compreensão dessas

dinâmicas, e cumprir o objetivo final deste trabalho, se faz necessário percorrer um panorama histórico das relações Russo-turcas no século XX e início do século XXI no decorrer deste capítulo.

1.2 Primeira e Segunda Guerra Mundial

A primeira metade do século XX foi marcada por revoluções internas na Rússia e na Turquia. Apesar deste fato, que poderia ventilar diversas possibilidades de tornarem-se aliados próximos, a cooperação entre as nações nunca esteve isenta de suspeitas. Segundo Harris (2015), as relações entre os países no início do século não estiveram fortemente ancoradas em interesses mútuos, demonstrando fragilidade e, assim, levando-os a hostilidades durante a Primeira e Segunda Guerra Mundial.

Em 1919, quando as potências vitoriosas da Primeira Guerra Mundial quiseram impor o Tratado de Sevres⁴ para dividir o Império Otomano, a Guerra da Independência Turca começou sob a liderança de Mustafa Kemal Atatürk em 19 de maio de 1919. No final da guerra, Atatürk estabeleceu a República da Turquia em 29 de outubro de 1923 e a União Soviética tornou-se um dos primeiros países a reconhecer a Turquia (HARRIS, 2015).

A União Soviética considerava a Guerra da Independência turca como um ato contra o imperialismo ocidental, assim como o despertar do povo muçulmano. Desta forma, a cooperação e o estabelecimento de boas relações com a Turquia era considerada de extrema importância para a URSS⁵. O objetivo soviético nesta aproximação era a implantação de um regime comunista na Turquia e impedir que este país chegasse a um acordo com as potências ocidentais (TELLAL, 2002).

Este objetivo constituiu o núcleo da política externa soviética para a Turquia entre 1919 e 1923. Para os russos, o sucesso da Turquia na guerra contra o imperialismo ocidental teria assegurado as partes meridionais da Rússia Soviética, e assim, estabelecido regimes bolcheviques no Cáucaso e um controle do Estreito sob a soberania da Turquia. A meta da

⁴ O Tratado de Sèvres foi um acordo de paz assinado entre os Aliados e o Império Otomano em 10 de agosto de 1920, após a Primeira Guerra Mundial. As suas cláusulas impunham a perda, pela Turquia, não apenas da Palestina, Síria, Líbano e Mesopotâmia, mas também praticamente de todos os territórios turcos na Europa (com exceção de Constantinopla) e da região de Esmirna, ambas entregues à Grécia. Além disso, o tratado estipulava que os estreitos de Bósforo e dos Dardanelos, assim como o mar de Mármara, seriam transformados em zonas neutras desmilitarizadas (internacionalizadas) e sua travessia permitida, em quaisquer circunstâncias, a todos os navios estrangeiros, mercantes ou de guerra. (HARRIS, 2015)

⁵ União das Repúblicas Socialistas Soviéticas

União Soviética nesses anos foi resolver a Questão Oriental em benefício da Turquia, pela crença de que a estabilidade internacional não poderia ser provida de outra forma (TELLAL, 2002).

Em 1920, numa carta ao ministro das Relações Exteriores soviético, Çiçerin Mustafa, Kemal Atatürk declarou que a Turquia e a União Soviética deveriam estabelecer uma aliança política e militar para lutar contra o imperialismo e pelo sucesso da Guerra de Libertação Turca. O ministro Çiçerin, em sua resposta à carta, declarou que a Rússia estabeleceria relações diplomáticas com a Turquia; embora ele não tenha se concentrado em fornecer ajuda militar à Turquia ou no estabelecimento de uma aliança (GÜRSEL, 1968).

As relações entre a Turquia e a União Soviética basearam-se em três acordos assinados nos primeiros anos da República Turca. São eles: O Acordo de Amizade entre a Turquia e a União Soviética assinado em 16 de março de 1921, o Acordo de Amizade assinado entre a Turquia e a Geórgia, Armênia, Azerbaijão assinada em 13 de outubro de 1921 e o Acordo de Amizade e Neutralidade entre a Turquia e a União Soviética assinado em 17 de dezembro de 1925. (GÜRTUNA, 2006)

O Acordo de Amizade de 1921 foi a base relações entre a Turquia e a União Soviética. A maioria dos futuros acordos referiu-se a este acordo, como foi o caso nos anos 50, quando a União Soviética queria melhorar e recuperar as relações com a Turquia. O Acordo de Amizade e Neutralidade assinado em 1925 foi renovado em 1929, 1931 e 1935 e, referindo-se a esse acordo, a Turquia obteve o apoio da União Soviética nas negociações com a Grã-Bretanha sobre Mosul.⁶ (ROZAKIS; CHRISTOS; STAGOS, 1987)

A questão do estreito turco manteve sua importância nas relações entre a Turquia e a União Soviética na primeira metade da década de 1920. Em 1922, ocorreu a Conferência de Lausanne e a Grã-Bretanha, França, Itália, Japão, Grécia, Romênia, Iugoslávia e Turquia participaram da Conferência como principais participantes, os EUA apenas enviaram observadores. Em julho de 1923, o Tratado de Lausanne foi assinado em substituição ao Tratado de Sevres e reconhecendo a Turquia como um Estado independente. (GÜRSEL, 1968)

A União Soviética decidiu não participar da conferência desde o início por causa da hostilidade britânica ao regime soviético. Deste modo, a União Soviética assistiu às consultas apenas quando eram abordadas questões relativas ao domínio e controle do estreito turco

⁶ A questão Mosul foi uma disputa territorial no início do século XX entre a Turquia e o Reino Unido pela posse do território ex-otomano de Mosul. Mosul fazia parte do Império Otomano até o final da Primeira Guerra Mundial, quando foi ocupado pela Grã-Bretanha. Após a Guerra da Independência da Turquia, a nova República Turca considerou Mosul uma das questões cruciais determinadas no Pacto Nacional.

(GÜRTUNA, 2006). A URSS argumentava que a independência nacional da Turquia deveria ser respeitada e deveria ser o único Estado soberano no estreito da Turquia. Este impasse levou ao fechamento do estreito turco para todos os navios de guerra e a todos os navios mercantes sem discriminação. Em 4 de dezembro de 1922, o ministro soviético dos Negócios Estrangeiros disse que *“a União Soviética estava pronta para assinar qualquer acordo relativo ao estreito, desde que garantisse a independência da Turquia, não discriminasse nenhum estado e garantisse o livre comércio”*. (VALI apud. GÜRTUNA, Anil. 2006. p. 25)

O então presidente turco, İsmet İnönü, compartilhava a visão soviética. (GÜRSEL, 1968). Isso preocupou os EUA e a Grã-Bretanha, que passaram a pressionar a Turquia a não cooperar com a União Soviética. As potências ocidentais ameaçaram a Turquia de que se a Turquia cooperasse com a URSS, outros participantes ocidentais da conferência não dariam apoio em outras questões que estavam em jogo na Conferência. Já em 8 de dezembro de 1922 a Turquia aceitou a proposta britânica sobre Estreito fornecendo uma limitada passagem livre pelo Estreito Turco e propôs o estabelecimento de uma Comissão do Estreito⁷. Por conseguinte, não é errado afirmar que a Convenção de Lausanne sobre o Estreito Turco limitou a soberania da Turquia, seja pela desmilitarização do Estreito ou pelo estabelecimento da Comissão Internacional do Estreito. (ROZAKIS; CHRISTOS; STAGOS, 1987)

A União Soviética não era a favor dos termos da Convenção na sua forma existente, pois os governantes soviéticos queriam o controle do regime do Estreito pelos estados vizinhos do Mar Negro (ROZAKIS; CHRISTOS; STAGOS, 1987). Nestes anos, no entanto, a União Soviética buscava um maior reconhecimento internacional, e a aceitação do acordo significou o reconhecimento de jure pelos outros signatários. (GÜRTUNA, 2006)

A Grã-Bretanha, que se opôs à livre passagem no século XIX, passou a apoiar a livre navegação pelo estreito turco. A União Soviética também, esquecendo sua ambição imperialista de chegar ao Mediterrâneo, queria fechar o estreito da Turquia aos navios de guerra. A mudança na atitude russa foi, de fato, o resultado do desejo russo de paz e de ser protegida contra qualquer possível ataque vindo do ocidente. Porém, os termos do acordo mudaram treze anos depois, já que o papel da Liga das Nações de proporcionar segurança do estreito turco fez a Turquia se sentir insegura, visto que qualquer decisão na Liga das Nações precisava de unanimidade dos votos. (GÜRTUNA, 2006)

Entre as duas guerras mundiais, as relações entre a Turquia e a União Soviética podem ser caracterizadas como boas, apesar de apresentar problemas pontuais. O objetivo russo era

⁷ A Comissão Internacional do Estreito (International Straits Commission) foi uma agência internacional que, sob o controle da Liga das Nações, administrou o Estreito Turco de 1923 a 1936.

manter a Turquia sob controle através de relações comerciais e tentou influenciar a Turquia por meio de ideias do comunismo (GÜRSEL, 1968). Ao contrário das políticas russas, a Turquia deu importância ao estabelecimento de relações econômicas com o Ocidente e tornou-se mais rígida sobre as ideias do comunismo em seu território. Essas políticas turcas, no entanto, não foram bem recebidas pelos russos. Assim, em 1935, a União Soviética denunciou o Acordo de Amizade e Não-Agressão. (YINANÇ, 2006)

Outro desenvolvimento relativo aos anos entre guerras é a Convenção de Montreal, assinada em 20 de julho de 1936, onde houve o desejo da Turquia em voltar a militarizar o Estreito Turco, uma vez que a garantia de segurança coletiva do Tratado de Lausanne não parecia viável (YINANÇ, 2006). A Convenção de Montreal mudou as regras que regem o Estreito Turco e a Turquia tornou-se a única potência soberana na região. A União Soviética estava satisfeita com os termos da convenção, uma vez que propõe o argumento russo defendido durante o Tratado de Lausanne. Apesar disso, a atitude da Turquia contra os comunistas no país afetou as relações em um sentido negativo, levando a URSS no final dos anos 1930 a novamente a levantar a questão do controle soviético sobre o Estreito Turco. (GÜRTUNA, 2006)

Em 1939, o então líder da União Soviética, Stálin, apresentou ao ministro turco dos Negócios Estrangeiros, Saraçoğlu, a proposta soviética para a revisão da Convenção de Montreal e o estabelecimento da co-soberania no estreito da Turquia. A Turquia rejeitou a proposta e declarou que tais acordos não seriam aceitos (YINANÇ, 2006). Pelo contrário, a Turquia aceitou a proposta anglo-francesa para o estabelecimento de uma aliança militar trilateral em 1939, que propõe ajuda mútua em caso de guerra no Mediterrâneo. Não obstante, a aliança não forçou a Turquia, a agir contra a União Soviética. (TERTEROV, 2010)

Quando os alemães e a União Soviética fizeram uma aliança em agosto de 1939, a cooperação entre a Turquia e a União Soviética chegou ao seu fim (TERTEROV, 2010). O Pacto Soviético-Nazista assinado apenas uma semana antes da invasão alemã da Polônia e do início da II Guerra Mundial, fortaleceu os desejos russos de modificar as regras que governavam o estreito turco até o momento. As relações pioraram quando a União Soviética quis revisar a Convenção de Montreal e anexar o território turco na Anatólia Oriental, como as províncias de Kars e Ardahan, no final da Segunda Guerra Mundial. (GÜRTUNA, 2006)

No curso da guerra, a Turquia, embora não tenha entrado diretamente no conflito, deixou que os navios de guerra alemães passassem pelo Estreito Turco, acreditando que a Alemanha seria a vencedora da guerra e que Hitler manteria suas promessas, e este ato foi fortemente criticado pela União Soviética entre 1941 e 1944 (YINANÇ, 2006). Nestas

condições, durante a Conferência de Yalta em 1945, Stalin pediu a renovação da Convenção de Montreal, e embora outros participantes da conferência não tenham apoiado essa ideia, Roosevelt afirmou que a mudança poderia ser racional. (ROZAKIS; CHRISTOS; STAGOS, 1987)

Até mesmo a declaração de guerra da Turquia contra a Alemanha e o Japão, em 23 de fevereiro de 1945, para participar da Conferência de São Francisco ao fim do conflito não satisfez a União Soviética. Os russos declararam que o Tratado de Amizade e Não-Agressão de 1925 entre a Turquia e a União Soviética foi abolido. Depois disso, a Turquia pediu o estabelecimento de uma nova aliança com os soviéticos. A União Soviética declarou que havia algumas condições para tal acordo; como a anexação de Kars e Ardahan ao território soviético e o fornecimento de uma base para a União Soviética no estreito da Turquia. As demandas russas foram rejeitadas. Não obstante, na Conferência de Potsdam, em 17 de julho de 1945, os EUA e a Grã-Bretanha ofereceram à União Soviética a livre passagem dos navios mercantes e de guerra soviéticos pelos estreitos em tempos de paz, em vez de uma base russa no estreito turco. (ROZAKIS; CHRISTOS; STAGOS, 1987)

1.3 Guerra Fria

Em agosto e setembro de 1946, a União Soviética enviou à Turquia duas notas diplomáticas relativas ao controle do Estreito Turco. Na primeira nota, a União Soviética declarou que a Turquia não usava bem a sua autoridade sobre o estreito turco e a segunda continha preocupações e exigências em relação à posição da URSS no estreito. A União Soviética pediu então negociações entre a Turquia, os EUA, a Grã-Bretanha e a União Soviética, mas a Turquia rejeitou todas as exigências russas. (GÜRSEL, 1968)

A Grã-Bretanha e os EUA também estavam descontentes com as notas soviéticas. Os EUA enviaram uma nota contrária à União Soviética em 09 de outubro de 1946 e deixaram claro suas preocupações. O ministro britânico das Relações Exteriores, Bevin, declarou em seu discurso ao parlamento que dar base aos russos no estreito turco seria contra os direitos soberanos turcos, colocando a Turquia sob a soberania de outro poder e, adicionalmente, os direitos de outras potências preocupadas com o Estreito Turco também seriam prejudicados. (TELLAL, 2002)

A União Soviética, sendo um típico exemplo de poder terrestre, muito por causa de sua localização geográfica privilegiada, tinha consciência de que este fato lhes trazia muita

segurança em termos defensivos, porém, ofensivamente, a União Soviética estava ciente de que era esta a sua fraqueza. Isso forçou a União Soviética a fazer dois ataques ofensivos, um no começo da Guerra Fria e no final dela. A primeira é a pressão imposta à Turquia em relação ao estreito no final da Segunda Guerra Mundial, e o segundo é a invasão do Afeganistão (BAĞCI, 2001). A pressão soviética sobre a Turquia em relação ao estreito turco era considerada um erro estratégico do ponto de vista da Turquia e, por isso, o estreito turco foi levado a ser mais utilizado pelo bloco ocidental.

Em 1947, a Grã-Bretanha declarou que não podia mais pagar as ajudas militares e econômicas dadas à Turquia e à Grécia. Os EUA ofereceram-se para preencher esta lacuna na região e, em março de 1947, o Congresso americano ratificou a Doutrina Truman, fornecendo à Turquia e à Grécia ajuda militar e econômica. O principal objetivo da Doutrina Truman era impedir o expansionismo russo e expandir o entendimento americano de política e economia. Assim, a Doutrina Truman forçou a Turquia a estabelecer laços estreitos com o Ocidente e a se unir a organizações políticas, militares e econômicas estabelecidas por as potências ocidentais. (GÜRTUNA, 2006)

A adesão da Turquia à OTAN em 1952 não foi uma exceção, apesar das oposições da União Soviética e países do Cáucaso no início. Nestes anos, a União Soviética culpou a Turquia por ser um país que "perdera sua independência, tornara-se 'Marshallized', uma colônia de Wall Street e uma base para a agressão capitalista contra a Pátria do Socialismo" (GÜRTUNA, p. 30) e essas crenças só começaram a mudar depois da morte de Stalin, em março de 1953.

Os planos de Stalin sobre a independência turca (1923) haviam levado Ancara e Moscou para perto do conflito armado. Os padrões formados nessa época continuaram a dificultar as relações muito depois que a ameaça de hostilidades reais diminuiu. Apesar disso, a morte de Stálin abriu o caminho para o aquecimento gradual das relações entre a Turquia e a URSS, visível principalmente no campo econômico. Em meados da década de 1960, os turcos começaram a receber ajuda de projetos soviéticos, principalmente na área comercial e energética, e tornou-se um dos maiores beneficiados (HARRIS, 2015).

Uma das três principais áreas de atrito entre a Rússia e a Turquia é a parte sul da antiga União Soviética. Do ponto de vista da Rússia, esta região não é apenas rica em recursos energéticos, mas também é estrategicamente importante, devido à sua posição na interseção entre a Rússia e o Oriente Médio, o que faz com que seja um "ponto fraco" da Rússia. Esta região é, de fato, um teatro de confrontos russos em diversas frentes: o Ocidente e o

islamismo radical, que constitui uma ameaça à integridade territorial da Rússia (MAGEN; LINDENSTRAUSS, 2013).

Entre 1960 e 1980, as relações da Turquia e da União Soviética se desenvolveram como resultado da questão de Chipre e do agravamento das relações com o Ocidente. A década de 1960 foi um ponto de virada nas relações da Guerra Fria entre os dois países (VALI, 1971). Em 1963, um delegado turco foi a Moscou e se encontrou com o presidente da União Soviética, Khrushchev. Nesta reunião, Khrushchev expressou a vontade russa de melhorar e estabelecer relações amistosas com a Turquia e declarou que a política de Stalin em relação à Turquia deveria ser mudada. No entanto, entre os membros da OTAN, a Turquia era o único estado que não podia melhorar as relações com a União Soviética. (TELLAL, 2002)

Entre 1965 e 1979, a Turquia e a União Soviética realizaram visitas diplomáticas de alto nível, assinaram acordos e a Turquia aceitou a ajuda econômica russa. A intervenção turca no Chipre também foi eficaz nas relações, mas não foi determinante. A União Soviética apoiou a primeira intervenção, mas se opôs à segunda, argumentando que o problema deveria ser resolvido na arena internacional. (TELLAL, 2002) A URSS foi cuidadosa, no entanto, para não se posicionar claramente contra a intervenção turca e em todos os momentos enfatizou a importância da independência e integridade da ilha, além dos direitos iguais das duas nações nela. (YAYÍNLARI, 2002)

Apesar do fato de que os desenvolvimentos na política interna soviética forneceram uma oportunidade para a Turquia e a União Soviética desenvolverem ainda mais as relações, não é errado dizer que as suas relações entre 1980 e 1983 eram relativamente calmas. A intervenção soviética no Afeganistão forçou a Turquia a aceitar milhares de refugiados, levando o novo governo turco a culpar a União Soviética pela anarquia surgida no país no começo dos anos 80. (TELLAL, 2002)

A partir dos anos 1960, houve uma melhora nas relações entre a Turquia e os países soviéticos. E os efeitos positivos dessa melhoria também foram observados no campo da política na década de 1980. Nesse sentido, podemos citar o Acordo do Gás Natural de 1984 e o Acordo Comercial assinado em 1989, que desempenharam um papel crucial para o futuro das relações. Outro importante desenvolvimento nas relações políticas foi o Tratado de Amizade e Cooperação assinado em 1991 durante a visita oficial do Presidente Turgut Özal a Moscou. (GÜRTUNA, 2006)

Foi com a ascensão de Mikhail Gorbachev ao poder em 1990, que vários desacordos anteriores entre os países foram atenuados ou eliminados. Enquanto os turcos estavam

preocupados até o fim em não antagonizar com a grande potência ao norte, Ancara - especialmente no período pós-Brezhnev - começou a alcançar alguns dos povos turcos que haviam sido isolados da influência da Turquia desde a consolidação da União Soviética. (HARRIS, 2015)

1.4 Pós-Guerra Fria

Com o colapso da antiga União Soviética, em 1991, e a abertura de uma gama inteiramente nova de possibilidades regionais para as direções da política externa turca, talvez fosse inevitável que as relações turco-russas passassem por transformações (ARAFAT; ALNUAIMY, 2011). A queda da URSS despertou alguns problemas antigos, especialmente no Cáucaso e Oriente Médio. Embora o esforço de Ancara em manter compatíveis os objetivos russos e turcos em suas relações, ela conflitava com as ambições russas de dominar o “Exterior Próximo”⁸.

Durante o período de Boris Yeltsin, os laços turcos com a Federação Russa ficaram mais complexos do que nos últimos dias de Gorbachev. Diversas oportunidades de investimentos e negócios na Rússia, bem como o interesse da Turquia em comprar armas para uso interno contra insurgentes, ofereceram novas possibilidades de cooperação. Interesses paralelos envolvendo a guerra do Golfo também fomentaram uma coincidência de visões que poderiam não ter sido possíveis durante a Guerra Fria. (BAĞCI, 2001)

Apesar do momento favorável de cooperação, a relação entre os dois países não estava isenta de apresentar pontos conflitantes. Nos Balcãs, a desintegração da Iugoslávia alimentou rivalidades. O interesse da Rússia em uma melhora no relacionamento com a OTAN incitou a suspeita por parte da Turquia de que a Rússia poderia ganhar aceitação política pela Europa antes dos turcos. Todo este panorama alimentou suspeitas mútuas, limitando a velocidade com que esses dois antigos inimigos foram capazes de se mover em direção ao calor genuíno em suas relações (HARRIS, 2015).

Apesar disso, a direção geral foi positiva. Líderes dos dois lados pareciam estar verdadeiramente empenhados em melhorar as relações. O fim da Guerra Fria trouxe um

⁸ Tradução livre do termo “Near Abroad”, terminologia utilizada na política da Rússia e de alguns outros Estados pós-soviéticos referindo-se às repúblicas recém-independentes que surgiram após a dissolução da União Soviética.

momento favorável para a melhora das relações, e a ascensão de líderes considerados menos “linha-dura” ao poder nos dois países, aumentaram consideravelmente as chances de que a Rússia e a Turquia acabariam por resolver os problemas que a geografia difícil e a história conturbada infligiram em seu relacionamento (TERTEROV, 2010).

Porém, a melhora das relações entre as duas nações complicadas pela mudança da paisagem geopolítica. A Turquia estava aberta a explorar ideias pan-turcas e a desafiar a influência russa nos Estados recém-independentes de língua turca da Ásia Central e do Azerbaijão. Além disso, as relações com a Armênia também continuaram sendo um ponto altamente sensível, devido a Turquia ter uma história de relações tensas com os armênios que remontam ao genocídio de 1915. Os turcos também apoiam o Azerbaijão em seu conflito congelado com a Armênia no Nagorno-Karabakh. Enquanto isso, os armênios continuam sendo os aliados mais firmes da Rússia no Cáucaso (TERTEROV, 2010).

Neste momento, as guerras chechenas representaram o maior desafio para as relações russo-turcas. Os separatistas chechenos desfrutaram de amplo apoio de fontes turcas, e Moscou mostrou seu descontentamento estendendo uma mão de amizade ao Partido Trabalhista Curdo - forte movimento separatista contra o governo turco. Por fim, os dois países concordaram em romper os laços com os respectivos insurgentes e normalizaram suas relações (TERTEROV, 2010).

A Federação Russa é política e militarmente um ator central no Cáucaso e na Ásia Central, portanto os desenvolvimentos nas relações turco-russas têm implicações importantes para o equilíbrio de poder regional, bem como para a política externa da Turquia na região. É fato que durante a Guerra Fria, as relações foram fortemente reféns da competição global. Com o fim da Guerra Fria, as relações russo-turcas tornaram-se importantes para os dois Estados no contexto regional (ARAFAT; ALNUAIMY, 2011).

No período pós-Guerra Fria, a Rússia tornou-se o estado mais importante, seja como parceiro ou concorrente da Turquia, no Cáucaso e na Ásia Central. Ao contrário da Turquia, a Rússia tinha experiência e conhecimento das características políticas e econômicas da região, o que deu vantagem para o país no contexto regional. No entanto, a Rússia também encontrava desvantagens. Primeiro, carregava o fardo da antiga União Soviética em termos econômicos e políticos, e, portanto, enfrentou uma crise política e de identidade nos primeiros cinco anos do estabelecimento da Federação Russa. Em segundo lugar, o país enfrentou a demanda secessionista da Chechênia, que criou perigo de desmembramento nacional (ARAFAT; ALNUAIMY, 2011).

As relações políticas entre a Turquia e a Federação Russa estiveram muito ocupadas com a guerra russa na Chechênia e com a luta da Turquia contra o separatismo curdo no país entre 1995 e 1999. Como resultado, a questão do terrorismo esteve geralmente no topo da agenda das reuniões oficiais entre os seus líderes nestes anos. Por conseguinte, durante as visitas oficiais da primeira-ministra turca, Tansu Çiller, a Moscou em 1996 e 1997, a guerra na Chechênia manteve a sua importância (GÜRTUNA, 2006).

Em dezembro de 1996, a primeira-ministra turca Tansu Çiller visitou Moscou e se encontrou com o primeiro-ministro russo Viktor Chernomyrdin e com o ministro das Relações Exteriores Yevgeny Primakov, declarando que tanto a Turquia quanto a Federação Russa respeitavam a integridade territorial de outros países. Porém, em um momento de tensão neste encontro, as palavras do ministro das Relações Exteriores russo se dedicaram a alertar a Turquia sobre os rumores de que o país estava vendendo armas para a Chechênia. Da mesma forma, Çiller também pressionou o russo quanto à venda de armas russas aos cipriotas gregos (GÜRTUNA, 2006).

Apesar deste episódio, durante sua visita a Moscou no ano seguinte, em 1997, Çiller e o ministro russo Yevgeny Primakov se esforçaram para dar a impressão de que as diferenças políticas entre a Turquia e a Federação Russa não eram tão agudas quanto antes. Ambos declararam que, para assegurar a superação gradual dessas diferenças, seria necessário agir mais ativamente em áreas em que a Turquia e a Federação Russa têm interesses comuns (VADIM, 1997). Além disso, mesmo nos momentos em que os países se advertiam mutuamente sobre os atos uns dos outros contra o PKK⁹ e a guerra na Chechênia, a importância de melhorar as relações econômicas, políticas e mais especificamente as relações comerciais, era sempre enfatizada (GÜRTUNA, 2006).

A visita do primeiro-ministro russo, Viktor Chernomyrdin, à Turquia, em dezembro de 1997, deu a impressão de que as relações entre a Rússia e a Turquia deveriam melhorar. Durante a visita, Chernomyrdin e o primeiro-ministro turco Mesut Yilmaz declararam que respeitam a integridade territorial e as relações econômicas entre si (ARAFAT; ALNUAIMY, 2011). Também é importante notar que ambos os primeiros-ministros declararam que era necessário buscar “cooperação” e “confiança” em vez de “competição” e “suspeita” nas relações e isso foi considerado como um passo importante para lidar com a tradicional desconfiança entre as partes.

⁹ Partido dos Trabalhadores do Curdistão, em tradução livre.

Apesar da intenção de normalizar as relações, as duas nações não compartilhavam a mesma ideia sobre os meios para atingir esse objetivo. Enquanto Chernomyrdin declarou que a melhoria nas relações econômicas desempenharia um papel vital para o desenvolvimento de melhores relações políticas, Mesut Yilmaz declarou que as relações políticas devem ser melhoradas até certo nível, a fim de aprofundar as relações econômicas (ARAFAT; ALNUAIMY, 2011). A época, no entanto, provou que Chernomyrdin estava certo e as relações turco-russas começaram a florescer no campo econômico, mesmo em tempos em que havia problemas entre a Turquia e Rússia; e estas boas relações econômicas, por consequência, também tiveram seus efeitos positivos no campo da política (GÜRTUNA, 2006).

As relações entre as duas nações melhoraram nas esferas diplomática e econômica logo após a segunda guerra na Chechênia. Em novembro de 1999, o primeiro-ministro turco Bülent Ecevit foi a Moscou para uma visita oficial, quando a guerra russa na Chechênia estava em seus dias mais quentes, fechando uma série de acordos que foram assinados entre a Turquia e a Federação Russa. Um dos acordos foi uma “Declaração Conjunta sobre Antiterrorismo” assinada em novembro de 1999 e o outro acordo foi um compromisso oficial para o *Projeto Blue Stream*¹⁰ (REYNOLDS, 2002).

Com referência ao Memorando entre a Federação Russa e a Turquia sobre Cooperação contra o Terrorismo assinado em dezembro de 1999, os países declararam seu desejo de melhorar a cooperação na luta contra o terrorismo. O primeiro-ministro russo, Vladimir Putin, também acrescentou que a Federação Russa não apoiará qualquer tipo de atividade terrorista visando a Turquia, incluindo as atividades do PKK e condenando o terrorismo internacional (ARAFAT; ALNUAIMY, 2011).

Como dito anteriormente, o Projeto *Blue Stream* foi um “remédio” para acalmar as relações turco-russas. No final da década, a questão da venda e transição de energia era um importante aspecto nas relações bilaterais, independentemente dos problemas relativos ao preço e à tributação do gás. No entanto, durante sua visita à Moscou em 1999, o primeiro-ministro Ecevit não assinou o protocolo sobre a tributação do gás, levantando rumores sobre um possível fracasso deste projeto e ainda contou com a oposição dos EUA ao *Blue Stream* (ARAFAT; ALNUAIMY, 2011).

¹⁰ O “*Blue Stream*” é um importante gasoduto trans-Mar Negro que transporta gás natural da Rússia para a Turquia.

No início da década de 2000, os atentados terroristas de 11 de setembro de 2001 desempenharam um papel importante para a Rússia e Turquia declararem a sua disponibilidade em lutar contra o terrorismo internacional. Em setembro de 2001, o presidente turco Ahmet Necdet Sezer e o presidente russo, Vladimir Putin, em uma conferência por telefone, discutiram a situação na Eurásia após os atentados e reafirmaram sua posição em relação à luta contra o terrorismo e enfatizaram a importância da solidariedade na comunidade internacional. Após os ataques terroristas em Istambul em novembro de 2002, Vladimir Putin convocou o primeiro-ministro turco Recep Tayyip Erdogan e declarou mais uma vez que a Federação Russa estava pronta para dar apoio político à Turquia na luta contra o terrorismo.¹¹

A ascensão ao poder do AKP na Turquia em 2002, em conjunto com a subida e consolidação do governo de Vladimir Putin na Rússia, trouxe um novo panorama de aproximação entre as duas nações (BARRINHA, 2014). A eleição do governo "islâmico", conhecido como "moderado", e que foram os principais defensores dos pistoleiros chechenos em meados da década de 1990, preocuparam o governo russo. No entanto, a seleção inicial de Abdullâh Gül pelo AKP como Primeiro Ministro (de novembro de 2002 a março de 2003), o menos islamista dos candidatos, como Gül, pareceu tranquilizar Moscou (REYNOLDS, 2002).

Em diversas notícias veiculadas pela mídia turca, o AKP afirmava que "Nosso objetivo é mostrar ao mundo que um país que tem uma população muçulmana pode ser democrático, transparente, moderno e cooperar com o mundo". (TURKISH DAILY, 2003). Além disso, a visita do então líder do AKP Recep Tayyip Erdoğan (que posteriormente tornou-se Primeiro-Ministro) à Moscou em dezembro de 2002 pareceu muito positiva, pois Putin expressou satisfação com o nível de vínculos com a Turquia, e os dois países concordaram em trabalhar para desenvolver ainda mais a economia e a cooperação (ARAFAT; ALNUAIMY, 2011).

As relações turco-russas testemunharam um novo desenvolvimento através das visitas oficiais mútuas e fecharam vários acordos sobre o reforço da cooperação entre os dois lados. Em fevereiro de 2004, o ministro turco Abdullah Gul foi à Moscou e cento e cinquenta empresários turcos o acompanharam. O ministro das Relações Exteriores Igor Ivanov e eles assinaram quatro protocolos em diferentes questões. O ministro Abdullah Gül, disse que a Turquia e a Federação Russa se redescobriram em uma época em que o mundo enfrentava grandes mudanças. Gül enfatizou, assim, a importância da luta contra o terrorismo pela

¹¹ Embaixada da Federação Russa na República da Turquia. 2001. Disponível em: <http://www.turkey.mid.ru/text_18.html> Acesso em 08/09/2018

estabilidade na região e declarou o desejo turco de cooperar com a Federação Russa para lidar com os desafios provenientes desta questão. (BARRINHA, 2014).

Desta forma:

Se pelo lado russo, este relacionamento faz parte de uma estratégia de simultânea expansão de laços económicos, geopolíticos (e consequente afirmação enquanto potência internacional) e de contenção da influência do mundo ocidental na sua vizinhança, por parte da Turquia, esta aproximação é resultado de uma nova forma de fazer política externa promovida pelo AKP [...] Em termos práticos essa aproximação levou Ancara a ter uma posição equidistante nas frequentes confrontações entre a Rússia e o ocidente, procurando gerar consensos ao mesmo tempo que desenvolve um relacionamento com Moscou à margem desses mesmos problemas (ARAS *apud* BARRINHA, André. 2014. p. 259)

É notório que as relações diplomáticas entre a Turquia e a Federação Russa vinham substancialmente sendo melhoradas desde a queda da então União Soviética. O crescente número de visitas oficiais e as reuniões realizadas no nível presidencial ou de primeiro-ministro comprovam o fato de que uma grande importância é dada às relações entre os dois Estados. (ARAFAT; ALNUAIMY, 2011). Shireen T. Hunter afirma que os "[...] representantes turcos e russos referem-se cada vez mais aos seus países como duas grandes potências da Eurásia, indicando que o eurasianismo não precisa ser competitivo. Em vez disso, eles podem ser complementares" (HUNTER. 2004. p. 370).

Apesar da notória melhora nas relações russo-turcas, a década de 2000 ainda apresentou diversos pontos conflitantes que levaram os dois países a diversas divergências em relação às suas políticas externas. Contudo, uma característica notável da crise entre a Rússia e a Turquia é que os países continuaram a manter suas fortes relações econômicas, incluindo aproximadamente 30 bilhões de dólares em comércio anual entre 2011 e 2014, acordo sobre a construção da primeira usina nuclear da Turquia pela Rússia em 2008, e entre três e quatro milhões de turistas russos que visitam a Turquia todos os anos. Apesar de desenvolverem fortes laços econômicos, a Rússia e a Turquia continuaram a ter importantes conflitos geopolíticos de interesse sobre a Geórgia, Ucrânia e Síria, que se transformaram em uma escalada da guerra após a massiva intervenção militar russa na Síria, que começou em 1º de setembro de 2015. (ARKTÜRK, 2016)

Recentes acontecimentos trouxeram novamente à tona novos desafios para o relacionamento entre a Rússia e a Turquia. Inegavelmente, o conflito na Síria a partir de 2011 configura-se como um novo tabuleiro geopolítico onde diversos atores disputam violentamente pelo poder. Neste mesmo tabuleiro, Rússia e Turquia são peças chave, onde teve como seu ápice a derrubada do caça SU-24 russo pelas forças armadas da Turquia. Este episódio gerou grande apreensão no cenário internacional acerca das medidas que seriam

tomadas pelos dois países. Nos próximos capítulos este episódio será amplamente abordado, assim como de que forma os dois países desenvolveram suas relações após a construção deste cenário.

2. O CONFLITO NA SÍRIA

Como afirmado no primeiro capítulo, o conflito sírio é, inegavelmente, um dos piores conflitos já vistos pela humanidade no pós-IIGM (COLLINS, 2017). Mais da metade da população pré-guerra do país - mais de 12 milhões de pessoas - foram mortas ou obrigadas a fugir de suas casas. Após sete anos de crescente conflito e violência, a guerra civil síria constitui agora a maior crise migratória no mundo, com mais de 6 milhões de pessoas que foram deslocadas internamente. Entre esse grupo populacional já vulnerável, as mulheres e crianças enfrentam desafios significativos associados à falta de acesso adequado a serviços básicos, ameaçando suas vidas em curto e longo prazo (D'AMATO, 2017).

Neste capítulo serão abordadas as origens e o desenvolvimento do conflito interna na Síria, e além disso, quais os atores envolvidos e seus objetivos. Este panorama é necessário para que possamos abordar as participações da Rússia e da Turquia no conflito, demonstrando qual os interesses envolvidos. Mais adiante, será abordada a derrubada do Su-24 pelas forças turcas, episódio este que se configurou como o ápice de tensão na relação entre os dois países nas últimas décadas.

2.1 Panorama sobre as motivações e desenvolvimento do conflito sírio

Pouco depois do início das revoltas na Tunísia e no Egito, o povo sírio em janeiro de 2011 levantou-se contra o seu regime, mas inicialmente encontrou pouco eco. Muitos observadores veem março de 2011 como o começo real dos tumultos, quando uma manifestação após as orações de sexta-feira foi atingida pela polícia em Dar'a, uma cidade no sul da Síria. O protesto foi desencadeado pela prisão e comprovada tortura de 15 estudantes que haviam pintado um slogan amplamente utilizado nos outros países da Primavera Árabe parede de uma casa. No dia seguinte, durante o funeral de quatro vítimas, houve um nova e violenta resposta do governo (SCHWEITZER; BURO, 2012).

A partir desse episódio, centenas de milhares de pessoas começaram a sair às ruas regularmente, apesar do risco de prisão, tortura e assassinato. Suas demandas consistiam em: renúncia do presidente Assad, respeito aos direitos humanos e democratização do país. Os protestos foram organizados por comitês de cidadãos locais e, inicialmente, eram em grande parte não violentos. Porém, desde o início houve confrontos com agentes da lei. Olhando para

trás, é justo dizer que a oposição insurgente não tinha um conceito de como organizar uma insurreição civil, o que é absolutamente compreensível, pois a maioria dos manifestantes tinha pouca ou nenhuma experiência política (SCHWEITZER; BURO, 2012)

Isso ficou claro quando mais e mais soldados das forças armadas sírias desertaram e - como na Líbia - se juntaram com suas armas para a insurreição. Inicialmente, eles viram seu papel em "proteger" as manifestações civis e usar a força das armas contra o avanço das unidades policiais ou do exército. Essa "função protetora" foi aceita pela maioria dos membros da insurreição sem questionamentos. Somente quando o regime começou a maciçamente combater a insurgência militar, e pouco tempo depois, o Exército Sírio Livre (FSA) em janeiro de 2012, que iniciou-se o verdadeiro conflito armado (MARTIN, 2017)

Os abusos de direitos humanos e crimes de guerra dos insurgentes, que foram discutidos desde cedo por organizações internacionais de direitos humanos, como Human Rights Watch, foram inicialmente atribuídos não ao núcleo do Exército Sírio Livre (FSA), mas a outros grupos armados no país (MARTIN, 2017). Esses grupos cresceram em número e armas - alguns observadores dizem que estão muito melhor armados do que a FSA por causa de seu apoio do exterior. Isso inclui a Al Qaeda, que é principalmente ativa com a Frente Al Nusra (SCHULZE, 2013).

Grupos semelhantes também estão lutando ao lado do regime - as chamadas milícias Shabbiha, responsáveis por grande parte dos massacres ligados ao regime. Há muita perplexidade sobre sua identidade e grau de apego ao regime, e também há evidências de que eles estão sob o controle direto do governo como seus esquadrões da morte (SCHULZE, 2013). Bastante exclusivo para a situação da Síria é que, ao contrário de outros países (como na Líbia, por exemplo) a resistência civil não foi substituída pela armada, mas agora continua em paralelo, onde quer que a situação de segurança permite, segundo Schweitzer:

A paisagem política insurgente é diversa, mas não há dúvida de que a insurreição é apoiada por membros de todos os grupos religiosos e étnicos do país. Membros da minoria alevita, cujas fileiras vêm de Assad, também estão entre os resistentes, embora em sua maioria eles tendem a apoiar Assad. No entanto, é preocupante que haja cada vez mais brechas e conflitos dentro da oposição. Observa-se aqui diferentes "falhas" onde o recorte étnico / religiosa, talvez com duas exceções: os alevitas, de cujas fileiras a liderança do atual regime recrutados e os curdos, em que há grandes esforços, uma região autônoma no norte Síria, que atualmente é de menor importância, mesmo que alguns meios de comunicação sejam diferentes. Mas não há liderança unida de resistência. (SCHWEITZER; BURO, 2012, p. 4, tradução nossa)¹²

¹² "Die politische Landschaft der Aufständischen ist vielfältig, aber es gibt keinen Zweifel, dass der Aufstand von Mitgliedern aus allen religiösen und ethnischen Gruppen im Land mitgetragen wird. Auch Angehörige der Minderheit der Alewiten, deren Rängen Assad entstammt, sind unter den Widerständlern zu finden, wenngleich sie in ihrer Mehrheit wohl eher Assad unterstützen. Besorgniserregend ist allerdings, dass zunehmend Brüche

Em setembro de 2011, os confrontos armados tornaram-se cada vez mais comuns e as milícias rebeldes travavam combates com as tropas do governo nas cidades da Síria. O Exército Livre da Síria reivindicou a liderança da oposição armada que lutava no país, mas sua autoridade não era amplamente reconhecida pelas milícias locais. (SCHULZE, 2013)

O final de 2011 e o início de 2012 testemunharam uma série de esforços malsucedidos de organizações internacionais de pôr fim ao conflito. No início de novembro de 2011, autoridades sírias concordaram com uma iniciativa da Liga Árabe pedindo que o governo sírio parasse a violência contra manifestantes, removesse tanques e veículos blindados das cidades e libertasse prisioneiros políticos (SCHULZE, 2013). Em dezembro de 2011, o governo sírio concordou em permitir uma visita à Síria da delegação de monitores da Liga Árabe, no intuito de observar a implementação do plano. A missão de observação rapidamente perdeu credibilidade com a oposição, pois ficou claro que não havia monitores e equipamentos suficientes e que o governo sírio havia restringido seus movimentos. Em meio a preocupações com a segurança dos monitores, a Liga Árabe encerrou a missão em 28 de janeiro (SCHMIDT, 2017)

No início de 2012, estava ficando claro que o Conselho Nacional Sírio (SNC), um grupo de oposição formado em Istambul em agosto de 2011, que afirma ser o representante legítimo da oposição síria e tratado como tal por países estrangeiros, estava muito enfraquecido por disputas internas e possuía dificuldades em representar efetivamente a oposição. Depois de meses de diplomacia contenciosa, em novembro os líderes da oposição síria anunciaram a formação de uma nova coalizão chamada Coalizão Nacional das Forças Revolucionárias e de Oposição Sírias. No mês seguinte, esta coalizão recebeu o reconhecimento de dezenas de países como representante legítimo do povo sírio (SCHMIDT, 2017).

No início de 2013, a situação militar parecia estar cada vez mais se afastando de uma solução. Os combatentes rebeldes mantiveram um controle firme sobre as áreas do Norte, mas foram impedidos por deficiências em equipamentos, armamento e organização. Enquanto isso, as forças do governo, enfraquecidas pelas deserções, também pareciam incapazes de

und Konflikte innerhalb der Opposition auftreten. Es sind hier verschiedene „Bruchlinien“ zu beobachten, wobei die ethnisch/religiöse, vielleicht mit zwei Ausnahmen: den Alewiten, aus deren Rängen sich die Führung des derzeitigen Regimes rekrutiert und den Kurden, bei denen es starke Bestrebungen gibt, ein autonomes Gebiet im Norden Syriens zu errichten - derzeit noch wenig bedeutsam sind, auch wenn es manche Medien anders darstellen. Aber es gibt keine einheitliche Führung des Widerstandes.”

obter grandes ganhos. Os combates diários continuaram em áreas disputadas, empurrando o número de mortes de civis cada vez mais alto (MARTIN, 2017).

Sem nenhum resultado decisivo à vista, os aliados internacionais do governo sírio e os rebeldes intensificaram a busca por apoio, aumentando a perspectiva de uma guerra regional envolvendo diversos atores. Os esforços da Turquia, Arábia Saudita e Qatar para financiar e armar rebeldes tornaram-se cada vez mais públicos no final de 2012 e 2013 (MARTIN, 2017). Os Estados Unidos, que relutavam em enviar armas e equipamentos por medo de inadvertidamente armarem jihadistas radicais que um dia se virarem contra o Ocidente, eventualmente começou um programa modesto para treinar e equipar alguns grupos rebeldes controlados. O governo sírio continuou a receber armas do Irã e do grupo militante libanês Hezbollah. No final de 2012, o Hezbollah também começou a enviar seus próprios combatentes para a Síria para combater os rebeldes. (LUCAS, 2016)

Em 2013, militantes islâmicos começaram a ocupar o centro das atenções. A Frente Al-Nuṣrah, uma afiliada da al-Qaeda que opera na Síria, se associou a uma variedade de outros grupos de oposição e era geralmente considerada uma das forças de combate mais eficazes. Mas logo foi ofuscado por um novo grupo: em abril de 2013, Abu Bakr al-Baghdadi, líder da al-Qaeda no Iraque, declarou que combinaria suas forças no Iraque e na Síria sob o nome de Estado Islâmico no Iraque e no Levante (ISIL), também conhecido como o Estado Islâmico no Iraque e na Síria (ISIS). Ele evidentemente pretendia que a Frente Nuṣrah fizesse parte do novo grupo sob seu comando, mas a Frente Nuṣrah rejeitou a fusão, e os dois grupos acabaram lutando uns contra os outros. (LUCAS, 2016)

Em 2015, a Rússia começou a assumir um papel mais ativo no conflito, enviando tropas e equipamentos militares para uma base aérea próxima a Latakia. Em setembro do mesmo ano, a Rússia lançou seus primeiros ataques aéreos contra alvos na Síria. Autoridades russas afirmaram inicialmente que os ataques aéreos estavam atacando o ISIL, mas logo ficou claro que eles estavam atacando principalmente rebeldes que lutavam contra Assad, com a intenção de reforçar o seu aliado sírio. (LUCAS, 2016)

2.1.1 Atores envolvidos no conflito e motivações

A partir do exposto acima, faz-se necessário distinguir os diversos atores, quais seus objetivos, e quais alianças foram formadas a partir do início da guerra civil na Síria. De acordo com Scott Lucas (2016):

O regime sírio e seus aliados:

Regime de Assad

Desde que grupos de oposição pegaram em armas após a Primavera Árabe, em 2011, Bashar al-Assad está tentando usar a força militar para retomar o controle de toda a Síria. Por um longo tempo, parecia que ele estava em uma posição perdida - até que o seu aliado Vladimir Putin aderiu ao conflito como um dos seus principais aliados. Graças aos ataques aéreos russos, o governo sírio de Assad consegue retomar o controle de diversas áreas do país. Um total controle militar do país, no entanto, a maioria dos especialistas considera irrealista.

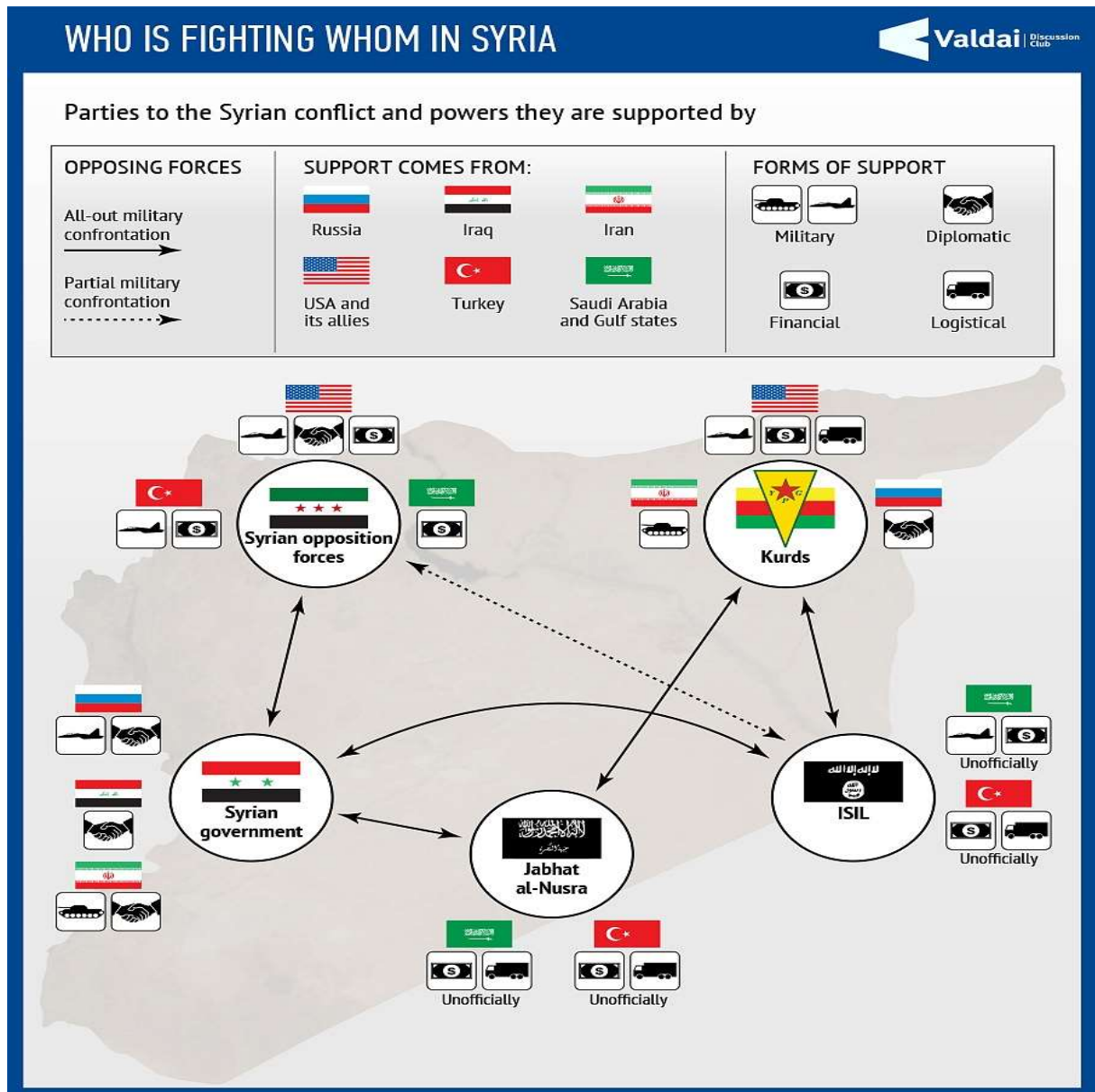
Irã e Hezbollah

A milícia islâmica emergiu no Líbano, onde luta contra Israel há décadas. Além do exército sírio, fornece o maior número de soldados para Assad. O Hezbollah é apoiado maciçamente pelo Irã, aliado de Assad, de onde recebem armas, dinheiro e treinamento. Quando Bashar al-Assad estava na iminência de perder o controle total sobre o seu país, o Irã enviou o Hezbollah em seu auxílio - lutando duramente pelo governante, mas sofrendo pesadas perdas. Acima de tudo, o Irã e Assad compartilham uma aversão comum a Israel.

Rússia

A Rússia tem sido um protetor da Síria por décadas. Desde setembro do ano passado, os caças de Vladimir Putin têm apoiado as tropas do governo sírio com ataques aéreos estratégicos. Oficialmente na luta contra o Estado Islâmico - no entanto, uma grande parte dos ataques é dirigida contra os rebeldes. Na luta contra estes, a Rússia se envolveu recentemente com combatentes curdos. O infográfico abaixo traz uma visão sistematizada de tudo o que foi abordado acima. Nele é possível vermos quais são as ligações e alianças entre os atores envolvidos, além de qual o tipo de suporte que vem sendo realizado entre estes.

Figura 1. Infográfico sobre as frentes de oposição e aliadas ao governo de Assad.



Fonte: Valdai Discussion Club, 2016. Disponível em: <<http://valdaiclub.com/multimedia/infographics/who-is-fighting-whom-in-syria/>> Acesso em 23/08/2018

Ainda de acordo com Scott Lucas (2016), assim se dividiam as frentes de oposição presentes no país:

A oposição

O Exército Livre da Síria (FSA)

Embora o nome pode sugerir, a FSA não é efetivamente um exército, mas uma associação de grupos rebeldes. A FSA foi fundada no início da guerra por oficiais renegados do exército sírio. Seu objetivo consiste em depor Assad do poder. Após os sucessos iniciais, a

FSA sofreu sérios reveses e, por vezes, esteve perto de se dissolver. Desde que ajudaram os curdos em 2015 a libertar a cidade estrategicamente importante de Kobane das mãos do Estado Islâmico, eles estão em negociações novamente.

Coalizão Nacional Síria (CNS)

A CNS é uma aliança de oposição. Foi fundada em 11 de novembro de 2012 na capital do Catar, Doha. A oposição política quer construir um governo exilado e também busca a derrubada do presidente Bashar al-Assad. A sede da Coalizão Nacional da Síria está localizada na cidade turca de Istambul.

Arábia Saudita

Embora a Arábia Saudita faça parte da coalizão ante Estado Islâmico, o reino tem seus próprios interesses. Ele se vê como um protetor sunita e é ideologicamente próximo dos grupos radicais na Síria. Isso faz da Arábia Saudita um importante apoiador dos islamistas e rebeldes radicais. Além disso, a Arábia Saudita está realizando uma guerra indireta na Síria contra o arqui-inimigo do Irã - ambos reivindicando o status de potência regional.

EUA e sua coalizão anti-ISIL

Em 2014, os EUA formaram uma aliança internacional contra o Estado Islâmico. A coalizão inclui cerca de 60 estados, mas nem todos envolvidos em lutas. Além dos Estados Unidos, a Grã-Bretanha, França, Austrália, Dinamarca, Bélgica, Canadá também estão envolvidos em operações militares. Arábia Saudita, Emirados Árabes Unidos, Bahrein, Catar e Jordânia também apoiam os EUA em ataques aéreos. Enquanto os EUA querem que Assad desocupe seu posto, eles estão concentrando seus ataques em seu principal inimigo na região, o ISIL.

Turquia

O primeiro-ministro turco, Recep Tayyip Erdogan, quer a queda de Assad. Durante anos, a Turquia tolerou a entrada de jihadistas na Síria e apoiou grupos de combate islâmicos. Oficialmente, a Turquia faz parte da coalizão anti-ISIS liderada pelos EUA - mas Erdogan está concentrando seus esforços no combate aos curdos. A Turquia interfere diretamente no conflito e bombardeia as posições curdas dentro do seu próprio território. Além disso, envolveu-se em uma profunda crise nas relações com a Rússia, como será abordado posteriormente.

Moscou e Ancara apresentaram sérias diferenças em relação à Síria. Os interesses políticos e geopolíticos na região do Oriente Médio tornaram-se cada vez mais latentes com a participação ativa da Rússia no conflito. Como vimos, o mais desacordo de Ancara em relação a Moscou foi o desejo de continuar a ajudar o regime de Assad. Por outro lado,

Moscú não se mostrou satisfeita com o apoio da Turquia à oposição síria e pediu a saída de Assad, bem como o encerramento da participação da OTAN nas medidas tomadas em relação à Síria (PEARSON, 2017).

2.2 Participação de Rússia e Turquia no conflito

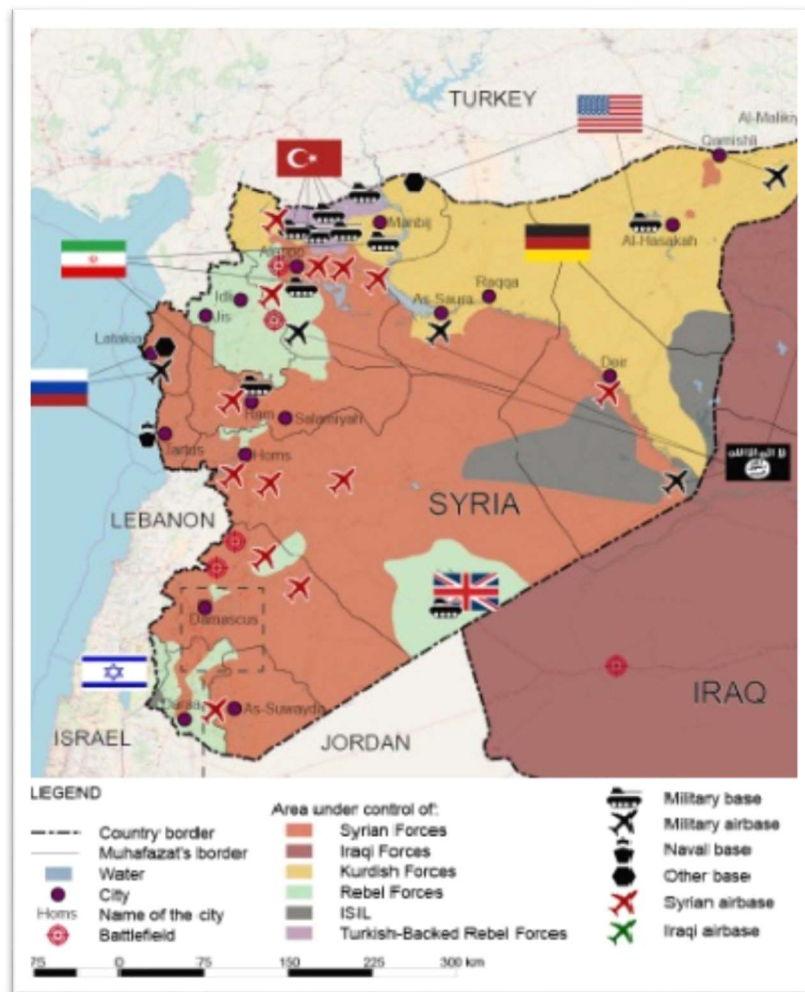
2.2.1 Rússia

A Rússia aderiu oficialmente ao conflito em 30 de setembro de 2015, e a partir de então, é considerado o aliado mais importante de Assad (PEARSON, 2017). O governo russo tem como principais objetivos no apoio ao regime sírio, salvaguardar os seus próprios interesses na Síria, como por exemplo, a manutenção da posição das bases navais russas no Mediterrâneo e, portanto, manter o país em posição privilegiada com saída para “mares quentes” e, também, recuperar o status de uma potência mundial podendo-se posicionar contra os interesses dos Estados Unidos e seus aliados (BUNDESTAG, 2017).

A Rússia expandiu muito seu fornecimento de equipamento militar ao regime sírio e atuou como o protetor do governo no Conselho de Segurança da ONU, onde conseguiu impedir a adoção de resoluções que permitem intervenções militares ocidentais. Depois de meados de 2015, a Rússia aumentou drasticamente sua assistência a Assad, estabelecendo uma base de força aérea perto de Latakia e posicionou um número considerável de forças especiais e suportes militares. Além disso, adquiriu direitos de base a longo prazo para a sua força aérea, bem como para a base naval de Tartus. (PEARSON, 2017)

O mapa abaixo apresenta de forma esquematizada a distribuição e posições das forças militares na Síria. É possível notar a concentração das forças da Rússia e Turquia no noroeste do país, sendo esta região o palco do episódio inicial da crise dos jatos. Ou seja, torna-se notória uma sobreposição dos interesses estratégicos dos dois países durante o conflito no país de Assad.

Figura 2. Distribuição das forças militares na Síria em 2015



Fonte: Institute for the Study of War, 2016. Disponível em <http://iswresearch.blogspot.com/2016/02/russian-international-shapes-strategic.html>

É importante mencionar que a Federação Russa manteve desde o início a posição de que o conflito sírio não poderia ser resolvido militarmente e, em vez disso, propunha negociações entre as partes a fim de chegar a um compromisso que não envolvesse necessariamente a remoção de Assad. E este é realmente o efeito real da recente intervenção militar direta da Rússia no conflito. Esta intervenção fez com que a ideia de estabelecer uma zona ocidental de exclusão aérea e segura no Norte fosse impossível, uma vez que tornou a exclusão de Assad uma pré-condição para as negociações de paz irrealistas (OSTAPENKO, 2017).

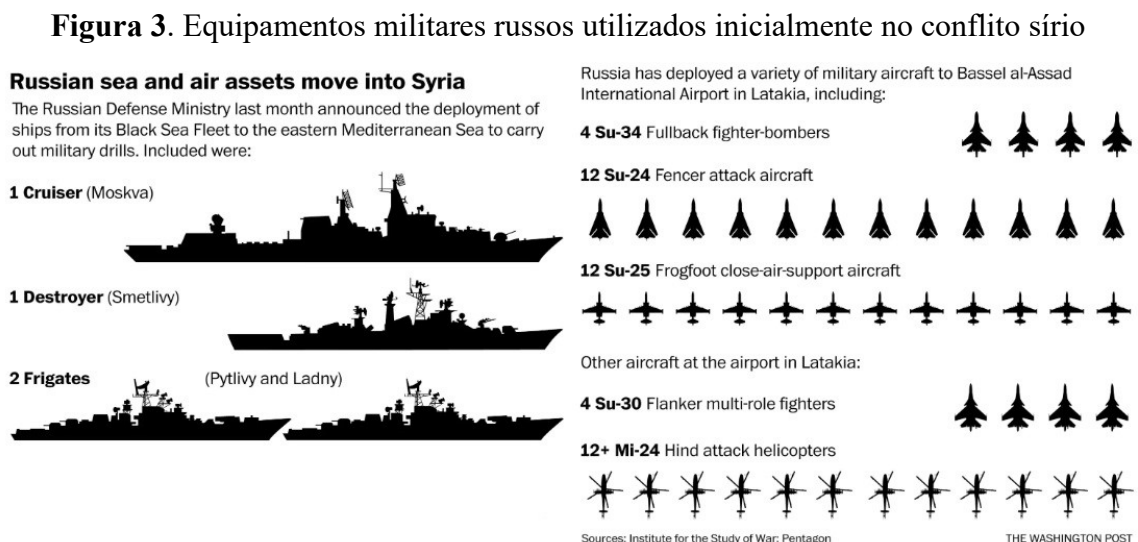
Desta forma, a Rússia forçou as potências ocidentais a aceitarem a própria estratégia russa para acabar com o conflito, isto é, um acordo político sobre os termos de Assad, incluindo a participação do Irã e adiando a questão do futuro papel do ditador sírio para um momento posterior. A Rússia e o Irã são os dois atores que podem exercer uma pressão

necessária sobre o regime sírio para chegar a um acordo e, portanto, será um participante necessário para encontrar uma solução para o conflito na síria (OSTAPENKO, 2017).

A Rússia estava envolvida fornecendo equipamento militar, fornecendo apoio logístico e treinamento para o regime sírio, e em meados de setembro de 2015, ligou-se ao Iraque e ao Irã para um acordo de compartilhamento de inteligência para conter os grupos extremistas (PEARSON, 2017). Desde 30 de setembro de 2015, a Rússia se envolveu militarmente em forma de combate. A intervenção militar da Rússia tem sido criticada pelos partidos de oposição da Síria e do Ocidente, incluindo as ONGs que lidam com direitos humanos. Mas Putin disse que a intervenção militar teve sua base no direito internacional e foi conduzida “de acordo com um pedido oficial” de Assad. (OSTAPENKO, 2017).

Após o incidente em novembro de 2015, quando a Turquia abateu um jato russo perto da fronteira turca, a Rússia também implantou o sistema de mísseis antiaéreos S-300 integrado na Síria (administrado pela Rússia), estabelecendo assim uma potencial zona de exclusão aérea para aviões ocidentais. Uma indicação do impacto do aumento da assistência da Rússia ao regime de Assad é que em novembro de 2015 os jatos russos fizeram mais ataques contra as forças rebeldes na Síria diariamente do que as forças de coalizão ocidentais e do Golfo fizeram durante todo o mês (OSTAPENKO, 2017).

Na imagem abaixo podemos ver quais os equipamentos militares russos que foram implantados no ano de 2015 na Síria:



Fonte: The Washington Post, 2015. Disponível em: <<https://wapo.st/2QtdumH>> Acesso em 12/09/2018

Diante do infográfico, podemos afirmar que, inicialmente, as forças russas pretendiam fornecer ao regime de Assad um forte apoio tático durante as suas batalhas contra os atores

opositores ao regime. Para isso, o emprego do poder aéreo e naval permitiam bombardeios intensos em alvos considerados estratégicos para o apoio das tropas do exército sírio, que desempenhava o papel de poder terrestre durante o conflito.

2.2.2 Turquia

Ao analisar os interesses da Turquia na Síria ou o conflito sírio, é surpreendente que a experiência sobre esta questão no início do conflito em 2011 e, em seguida, até 2013, foi relativamente grande. Numerosos comentários científicos e jornalísticos trataram das reações do governo turco ao conflito. No entanto, com o aumento da complexidade da guerra, o número de análises aprofundadas diminuiu significativamente. Isso reflete a crescente complexidade e a aceleração da dinâmica do conflito, bem como o fato de que a Turquia, que parecia autoconfiante no início do conflito, viu suas ações sofrerem uma queda ao longo do tempo. (AKTÜRK, 2017)

O principal objetivo da Turquia na Síria era desde então facilitar a derrubada do presidente Assad. Ankara acredita que tanto o chamado Estado Islâmico (ISIS) quanto outras fontes de instabilidade são efeitos colaterais da conquista de Assad ao poder. Até hoje, Ancara tem sido incapaz de convencer os Estados Unidos e a maioria dos países membros da OTAN sobre a necessidade de envolvimento ativo na mudança de regime (KINIKOGLU, 2016).

Apesar da extensão do conflito, a Turquia continuou sendo um dos poucos defensores leais dos rebeldes¹³, juntamente com a Arábia Saudita e o Catar. Nas capitais ocidentais, a insistência da Turquia na mudança de regime é vista como uma complicação desnecessária na luta contra o ISIS e atrasa a obtenção de uma solução política para os combates na Síria. As repetidas demandas da Turquia por zonas de exclusão aérea ou zonas seguras dentro da Síria até agora caíram em ouvidos surdos (KINIKOGLU, 2016).

A abordagem intransigente de Ancara em relação à crise síria tem custado caro à política externa e de segurança da Turquia. Ancara não apenas estreitou as relações com Washington e Teerã e, em graus diferentes, com Moscou e Bagdá, também se tornou alvo de múltiplos ataques do EI. Pior ainda, a deterioração da situação com o sudeste da Turquia e o Partido Trabalhista do Curdistão (PKK) e a regionalização da questão curda tornaram as opções de Ancara mais caras. Ao mesmo tempo, o presidente Erdoğan tem sido extremamente

¹³ Apoio às Forças de Oposição na Síria (FSA)

capaz de usar a crise dos refugiados sírios para a vantagem da Turquia com a União Europeia e a Alemanha em particular. O aspecto humanitário da questão dos refugiados tem sido fundamental no fornecimento de legitimidade necessária tanto em casa como no exterior (AKTÜRK, 2017).

O segundo objetivo da Turquia na Síria é impedir que uma entidade política curda surja. Desde que o Partido da União Democrática Curda (PYD) - através do seu braço armado, as Unidades de Defesa do Povo (YPG) - conseguiram expandir territórios no norte da Síria, as tensões aumentaram entre os curdos sírios e a Turquia. Como o YPG provou ser uma força de combate anti-ISIS eficaz e, portanto, goza de forte apoio de Washington, Ancara encontrou-se muito restrita. A dimensão curda da Síria se tornou a principal preocupação de Ancara, pois teme uma nova entidade curda em sua fronteira sul. A dimensão curda síria adquiriu ainda mais significado desde que o governo turco rompeu um processo de paz de dois anos com o PKK em junho de 2015. Desnecessário acrescentar que a internacionalização da dimensão curda complicou as opções de Ancara em casa (AKTÜRK, 2017).

A Turquia, em suma, realiza ataques aéreos em Ancara contra alvos do EI como parte da coalizão liderada pelos EUA. Também realizou ataques aéreos unilaterais contra as forças da oposição curda na Síria e na Síria para combater o EI e as forças curdas como parte da operação liderada pela Turquia conhecida como "Escudo do Eufrates". Como parte de uma "zona de conflito" acordada com a Rússia e o Irã, a Turquia mudou para o Idlib. (AKTÜRK, 2017).

Em conformidade com o Artigo 51 da Carta das Nações Unidas (ONU), a Turquia exerceu seu “direito de autodefesa” e declarou à comunidade internacional o lançamento da Operação Escudo do Eufrates (OEE) em 24 de agosto de 2016. No entanto, as razões militares, políticas e estratégicas que a Turquia apresentou em relação ao OEE são mais importantes do que as razões legais. A Operação tinha como objetivos primários: estabelecer a segurança das fronteiras; empurrar o Estado Islâmico para longe da linha de fronteira; e para impedir o YPG / PKK de esculpir um corredor, assumindo o controle da linha Leste-Oeste no norte da Síria (YEŞILTAŞ; SEREN; ÖZÇELİK, 2017).

A reconstrução e renovação de territórios antes ocupados pelo Estado Islâmico após as operações militares desempenharem um papel fundamental no futuro da estratégia da Turquia em combater as organizações terroristas. Com a OEE, as Forças Armadas Turcas testaram sua capacidade de prontidão de combate, enquanto com as lições aprendidas durante a operação, perceberam a necessidade de desenvolver sua mobilidade nos níveis tático, operacional e

estratégico. A OEE comprovou a capacidade dos militares turcos de realizar uma operação conjunta e ofensiva, obtendo-se bons resultados (YEŞILTAŞ; SEREN; ÖZÇELİK, 2017).

Ankara deseja bloquear os ganhos territoriais sírios curdos e impedir que eles ganhem autonomia em qualquer assentamento pós-guerra. A Turquia diz que os combatentes curdos sírios estão ligados ao Partido dos Trabalhadores do Curdistão (PKK), que tem sido uma guerra de três décadas na Turquia. Ankara também quer derrotar o EI e outros grupos extremistas que cometeram ataques terroristas em solo turco. Recentemente, líderes turcos têm sido ambivalentes sobre por que Assad deve ser autorizado a permanecer no poder em um acordo de paz final (AKTÜRK, 2017).

2.3 Ponto crítico: A derrubada do caça Sukhoi SU-24

A relação Turquia-Rússia foi significativamente rompida em novembro de 2015, depois que a Turquia abateu um caça russo Su-24 (ÖZERTEM, 2017). Depois de um rompimento diplomático de sete meses e um pedido de desculpas do presidente turco Recep Tayyip Erdoğan, os dois lados se comprometeram a abrir um novo capítulo. As partes iniciaram um diálogo multidimensional no verão de 2016, revivendo a cooperação na esfera da energia e coordenando suas políticas sobre a Síria. Neste artigo, o autor argumenta que uma conjuntura política mais ampla foi importante para retomar o diálogo, mas ainda é principalmente conduzida e a base institucional do relacionamento é subdesenvolvida. As dinâmicas atuais indicam que há um momento significativo para normalizar as relações - sinais de cooperação nas esferas da política e da energia - no entanto, as mesmas fragilidades que causaram o colapso em novembro de 2015 ainda perduram. (HENRY, 2016)

É sabido que o abatimento do bombardeiro russo Su-24 por um caça F-16 da força aérea turca em 24 de novembro de 2015 resultou na brusca ruptura das frágeis relações entre a Turquia e a Rússia (HENRY, 2016). Apesar do fato de que as relações bilaterais estavam ganhando impulso desde 2000, a crise rapidamente se intensificou. Mesmo os mecanismos existentes que reúnem regularmente os chefes de estado da Turquia e da Rússia, como o Conselho de Cooperação de Alto Nível, não impediram que as relações atingissem o fundo do poço em termos políticos e econômicos. Após sete meses de discórdia política, ambos os lados decidiram abrir um novo capítulo nas relações bilaterais (ÖZERTEM, 2017).



Imagem real do momento em que o caça Su-24 russo está em chamas após ser atingido pelas forças turcas. Fonte: BBC, 2015. Disponível em: <<https://www.bbc.com/news/live/world-middle-east-34908469>> Acesso em 21/09/2018

Jatos russos começaram a rugir sobre a Síria a partir de 30 de setembro de 2015. Quando a Rússia interveio, a coalizão internacional liderada pelos EUA lutando contra o Estado Islâmico do Iraque e do Levante (ISIL) já havia assumido uma postura ativa na Síria com suas aeronaves. Os EUA concordaram com o uso da base Incirlik. A Rússia e os EUA assinaram um acordo em outubro de 2015 que estabelecia protocolos básicos para todos os voos de aeronaves e drones sobre a Síria para evitar qualquer incidente entre a aviação russa e a norte-americana. Na verdade, essa foi uma medida necessária, considerando o fato de que os jatos das forças de coalizão estavam sobrevoando a Síria, aumentando ainda mais o espaço aéreo após a intervenção da Rússia. No entanto, Ancara e Moscou não concordaram em nenhum protocolo para evitar uma crise. (ÖZERTEM, 2017).

Jatos russos começaram a bombardear grupos anti-Assad no norte da Síria, particularmente nas proximidades da fronteira turca, onde também vivem muitos turcos. Tendo contatos estreitos e ligações culturais com esses grupos, a Turquia compartilhou publicamente suas preocupações e alertou a Rússia sobre a morte de civis. Segundo o governo turco, caças russos chegaram a violar o espaço aéreo turco. O embaixador russo em Ancara, Andrei Karlov, foi convocado ao Ministério dos Negócios Estrangeiros turco para consultas diplomáticas. No final, uma delegação russa liderada pelo major-general Sergey Dronov visitou Ancara para esclarecer as violações (ÖZERTEM, 2017).

O lado turco percebeu essa visita como "um importante passo em direção à prevenção de acidentes no espaço aéreo". No entanto, esta reunião não foi bem-sucedida em estabelecer

as bases para o estabelecimento de um entendimento mútuo da habilidade de aeromoça. Consequentemente, o inevitável aconteceu em 24 de novembro de 2015. As Forças Armadas Turcas (Türk Silahlı Kuvvetleri, TSK) declararam em seu site que uma aeronave não identificada foi abatida no espaço aéreo turco. Mais tarde, ficou claro que a aeronave era um russo Su-24. Foi a primeira aeronave russa a ser abatida por um membro da OTAN desde o final da Guerra Fria. (HENRY, 2016)

As partes diferem nas circunstâncias precisas que levam ao ataque. O presidente russo, Vladimir Putin - que classificou o ato como "uma facada nas costas" cometida por cúmplices do Estado Islâmico - afirma que a aeronave não cruzou a fronteira turca nem ameaçou a segurança da Turquia.¹⁴ Ele afirma que, quando atingido pelo míssil, a aeronave voava a uma altitude de aproximadamente 6.000 metros no espaço aéreo sírio a uma distância de um quilômetro da fronteira turca. De acordo com uma carta vazada da Missão Permanente da Turquia para a ONU para o presidente britânico do Conselho de Segurança da ONU, Matthew Rycroft, e declarações do primeiro-ministro turco Ahmet Davutoğlu e presidente turco Recep Tayyip Erdoğan, Turquia afirma que o ataque ocorreu em resposta a uma violação da soberania turca e em conformidade com suas regras de compromisso. (HENRY, 2016)

O primeiro pronunciamento do governo turco foi direcionado aos membros do Conselho de Segurança das Nações Unidas:

Esta manhã (24 de novembro), 2 aviões SU -24, cuja nacionalidade é desconhecida, abordaram o espaço aéreo nacional turco na região de Yayladağı / Hatay. Os aviões em questão foram avisados 10 vezes durante um período de 5 minutos através do canal 'Emergency' e solicitados a alterar as suas posições para sul imediatamente. Desconsiderando este aviso, ambos os aviões, a uma altitude de 19.000 pés, violaram o espaço aéreo nacional turco a uma profundidade de 1.36 milhas e 1.15 milhas de profundidade por 17 segundos, a partir de 9.24'.05 "hora local. Após a violação, o avião 1 deixou o espaço aéreo nacional turco. O avião 2 foi abatido enquanto no espaço aéreo nacional da Turquia, por F-16s turcos realizando patrulhamento de combate aéreo naquela área de acordo com as regras de combate. O avião 2 caiu sobre o lado sírio da fronteira entre a Turquia e a Síria. (ÇEVİK, H. 2015. p. 1. Tradução nossa)

Após o abate da aeronave russa, Ancara declarou que, devido às regras de combate existentes, a aeronave russa havia sido abatida justificadamente, uma vez que, de acordo com registros de radar, ela violava o espaço aéreo turco. Então, em defesa das ações da Turquia, o então primeiro-ministro Ahmet Davutoğlu declarou: "A Turquia tomou as medidas necessárias para proteger sua soberania em seu território, de acordo com as regras de

¹⁴ Turkey Downing of Russia Jet 'Stab in the Back'. BBC, 2015. Disponível em: <<http://www.bbc.com/news/world-middle-east-34913173>> Acesso em: 21/09/2018

engajamento”¹⁵ Inicialmente, o Kremlin negou que houvesse uma violação. Mais tarde, as declarações esclareceram que, embora houvesse uma violação de 17 segundos do espaço aéreo turco, a Turquia poderia ter ignorado isso e evitado a retaliação. Dois dias depois do incidente, Erdoğan fez uma declaração dizendo que se as autoridades turcas soubessem que a aeronave era russa, ela não teria sido abatida. Isso foi avaliado como um recuo da posição inicial de Ancara, mas o dano já havia sido feito (ÖZERTEM, 2017).

Em suma, inicialmente, o Ministério da Defesa russo anunciou que futuros bombardeios seriam realizados com escoltas de combate, e que sistemas avançados de defesa aérea seriam implantados na base aérea russa de Khmeimim, na cidade síria de Latakia. Lavrov cancelou uma reunião planejada com seu colega turco, e Moscou também suspendeu os contatos militares com Ancara. As autoridades russas também discutiram a possibilidade de tomar outras medidas possíveis, incluindo a proibição de companhias aéreas turcas viajarem para a Rússia ou o cancelamento do planejado gasoduto da Corrente Turca. (MANKOFF; OLIKER. 2015)

Já o presidente turco, Recep Tayyip Erdoğan, tentou minimizar as consequências do incidente, observando que Ancara não percebeu que o Su-24 era russo até ver declarações do governo russo sobre o incidente. Erdoğan enfatizou que, embora a Turquia não procure aumentar as tensões, não toleraria violações de suas fronteiras ou do espaço aéreo. A Turquia também disse que havia duas aeronaves violando seu espaço aéreo, e aponta que apenas derrubou uma delas. (MANKOFF; OLIKER. 2015)

Ainda segundo Mankoff e Oliker (2015), a reação da OTAN foi favorável à Turquia, assim como a reação dos EUA. No entanto, todas as partes insistiram que a escalada da tensão não era desejável e só complicaria ainda mais as coisas. As reações européias foram particularmente reservadas e a favor do esfriamento das tensões, já que o incidente ocorreu apenas dez dias depois dos ataques terroristas de Paris reivindicados pelo ISIS, com considerações europeias para que a Rússia mantivesse sua política voltada à "narrativa terrorista" e que o país se concentrasse apenas em eliminar Daesh (e não grupos de oposição sírios) na Síria.

Diante do exposto, o conflito sírio trouxe para o cenário internacional um novo panorama geopolítico, onde um país transformou-se em um verdadeiro tabuleiro geopolítico e geoestratégico. A Síria hoje pode ser considerada palco de uma Guerra Mundial “em

¹⁵ Davutoğlu’ndan Rus Uçağı ile İlgili Değerlendirme, 27.11.2015 [Pronunciamento do Primeiro-Ministro Davutoğlu sobre o jato russo] Disponível em: <<http://www.milliyet.com.tr/davutoglu-ndan-rus-ucagi-ile-siyaset-2154473/>> Acesso em: 15/09/2018

miniatura”, pois potências globais, regionais e atores não-estatais travam batalhas entre si para que seus objetivos sejam alcançados. Rússia e Turquia são, sem dúvidas, grandes protagonistas deste cenário apresentado, e a crise dos jatos, trouxe um novo panorama para as relações entre os dois países. No próximo capítulo, serão abordados os impactos que este episódio trouxe para as relações Turco-russas.

3. IMPLICAÇÕES E DESENVOLVIMENTO DAS RELAÇÕES TURCO-RUSSAS PÓS DERRUBADA DO CAÇA SU-24 RUSSO

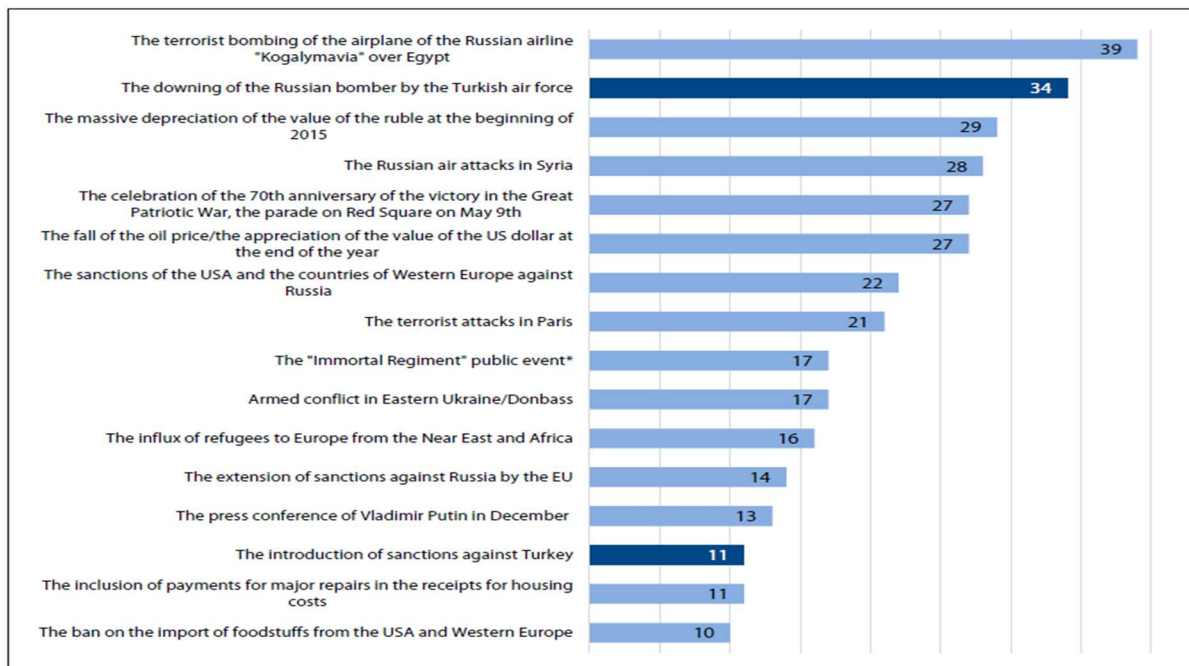
As diversas guerras travadas entre a Rússia e a Turquia nos últimos três séculos certamente influenciaram suas contestações geopolíticas contemporâneas, no entanto, vimos que a maior parte da sua rivalidade foi moldada principalmente por suas experiências desde o fim da Guerra Fria e o colapso da União Soviética (BAEV; KIRIŞCI. 2017). Como visto no primeiro capítulo, as relações entre os dois países sempre estiveram sob um efeito “montanha-russa”, onde períodos de conflitos e cooperação são observados com frequência.

Apenas após o incidente de novembro de 2015, quando Ancara pediu apoio a aliados da OTAN, a Turquia foi efetivamente confrontada como membro da organização. De acordo com uma pesquisa russa, a opinião pública na Rússia também se voltou contra a Turquia: para 29% dos entrevistados, a Turquia era vista como um dos cinco Estados mais hostis em meados de 2016.¹⁶ Desta forma, Moscou mais uma vez separa suas relações com a Turquia de suas relações com a OTAN (KAIM; TAMMINGA, 2015).

O gráfico abaixo mostra resultado de pesquisa realizada na Rússia e desenha a opinião pública da sua população em relação ao recente acontecimento com a Turquia no território sírio:

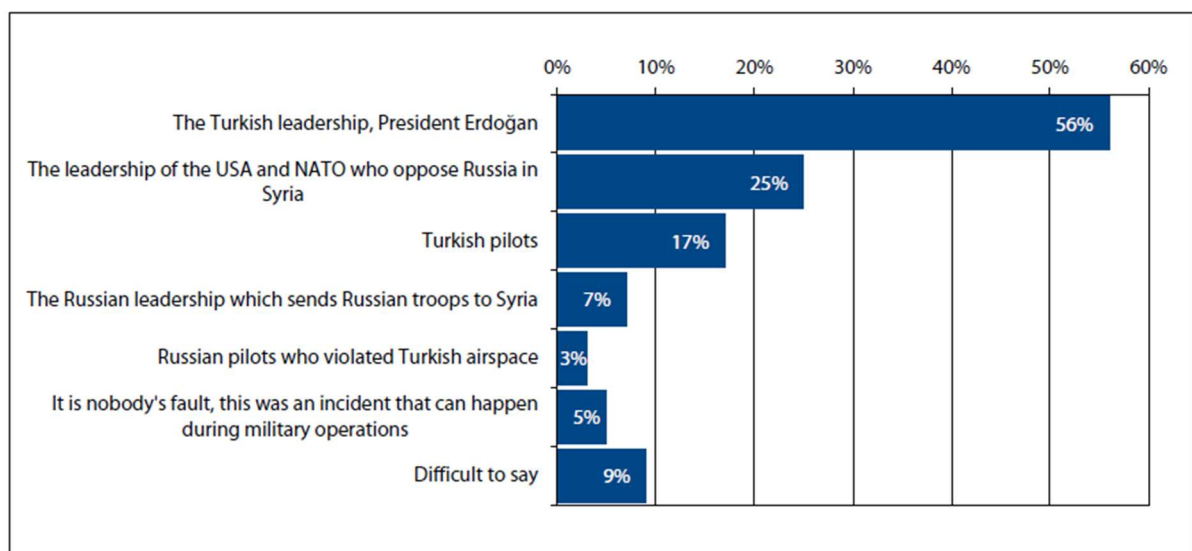
¹⁶ Russia's friends and enemies, 2017. Disponível www.levada.ru/2017/06/05/druzya-i-vragi-rossii-2/ Acesso em 23/08/2018

Figura 4. Quais dos eventos de 2015 são, na sua opinião, os eventos mais importantes?



Fonte: Levada Center, 2015. Disponível em: <<http://www.levada.ru/2015/12/18/itogi-uhodyashhego-goda-i-sa-mye-vazhnye-sobytiya-2015-go/>>. Acesso em 29/09/2018

Figura 5. Na sua opinião, quem é o culpado pela derrubada do caça russo por combatentes turcos durante operação militar na Síria?



Fonte: Levada Center, 2015. Disponível em: <<http://www.levada.ru/2015/12/18/itogi-uhodyashhego-goda-i-sa-mye-vazhnye-sobytiya-2015-go/>> Acesso em 29/09/2018

É notório que as relações sociais e culturais entre a Turquia e a Rússia também foram prejudicadas. A forte retórica anti-turca dominou a mídia russa ao mesmo tempo que houve o aumento dos sentimentos anti-russos na Turquia. Em janeiro de 2016, uma pesquisa de

opinião conduzida por uma universidade turca revelou que 65% dos entrevistados acreditavam que a Rússia se tornou a ameaça número um para a Turquia (KADIR, 2016). Isso talvez não fosse surpreendente, se considerarmos as dificuldades causadas pelas sanções aos trabalhadores e empresários turcos. O governo russo também cancelou a maioria dos acordos de cooperação cultural e acadêmica assinados entre os dois países. Como resultado, particularmente após a decisão de Moscou de suspender o regime de isenção de visto com a Turquia, foi relatado que quase dez mil cidadãos turcos deixaram a Rússia (KAIM; TAMMINGA, 2015)

A crise dos jatos de combate colocou em cheque as afirmações sobre o surgimento de uma parceria estratégica entre a Turquia e a Rússia, que foram anunciadas apenas alguns anos atrás por autoridades dos dois países. Além disso, também revelou que divergências sobre conflitos regionais podem facilmente obscurecer fortes vínculos econômicos e políticos bilaterais entre as duas nações. De fato, estima-se que as sanções da Rússia aplicadas sobre a Turquia causaram uma perda imediata de entre \$9-11 bilhões para a economia turca. (HADJIPAVLIS, 2015). As sanções também reduziram significativamente o volume de comércio turco-russo, registrando uma queda de \$24 bilhões até o final de 2015. Nos primeiros seis meses de 2016, o volume de comércio encolheu para \$ 8 bilhões e o número de turistas russos que visitam a Turquia, por outro lado, diminuiu em 87% durante o mesmo período. (IBRAHIMOV, 2016)

Além das questões econômicas, as tensas relações entre a Turquia e a Rússia também afetaram negativamente o equilíbrio geopolítico em três sub-regiões da Eurásia: o Oriente Médio, o Cáucaso e o Mar Negro. O Oriente Médio, em particular, imediatamente se transformou em um teatro de confrontos. Além de impedir que os jatos turcos entrem no espaço aéreo sírio e fortaleçam rapidamente seus laços políticos e militares com os sírios curdos, Moscou também ofereceu forte apoio ao governo iraquiano que solicitou oficialmente à Turquia que retirasse suas forças militares do campo de Bashiqa perto de Mosul (ALARANTA, 2016).

É válido ressaltar que os militares turcos estiveram presentes na região por quase dois anos e meio, em acordo com a coalizão internacional liderada pelos EUA, bem como com o governo de Bagdá, e ofereceram treinamento às forças curdas iraquianas contra o ISIS. Moscou também continuou a fortalecer sua aproximação estratégica com o principal rival regional de Ancara, Teerã, enquanto melhorava suas relações políticas, econômicas e militares com o governo de Abdel Fattah al-Sisi no Egito, cuja legitimidade foi rejeitada pela Turquia (CHARBONNEAU, 2015).

Neste momento, o antagonismo entre a Turquia e a Rússia também teve implicações geopolíticas significativas para o Cáucaso. Uma das primeiras ações de Moscou foi fortalecer sua presença militar na Armênia com a assinatura de um acordo de segurança coletivo russo-armênio para um sistema de defesa aérea regional unificado. (ERŞEN, 2017) Ainda mais importante foi a súbita escalada do conflito militar entre a Armênia e o Azerbaijão.

A república separatista de Nagorno-Karabakh confirmou mais uma vez o status da Rússia como principal poder da região. Esse desenvolvimento também foi considerado por alguns analistas como um sinal de Moscou para os líderes do Azerbaijão de que eles deveriam ser cuidadosos com seu relacionamento especial com Ancara, que possui diversas parcerias estratégicas na área de energia. (IBRAHIMOV, 2016)

Embora o Mar Negro tenha sido geralmente visto como uma região de diálogo e cooperação nas relações turco-russas no período pós-Guerra Fria, ele foi negativamente influenciado pela crise dos caças (IBRAHIMOV, 2016). Por exemplo, a crescente desavença com a Rússia resultou no apoio aberto dos líderes turcos aos planos da OTAN de enviar uma força naval permanente ao Mar Negro - principalmente em resposta ao aumento da presença militar da Rússia na Crimeia. A Turquia também continuou a desenvolver suas forças políticas e militares nas relações com a Ucrânia, e criticou duramente o tratamento de Moscou dado aos tártaros na Crimeia, além de apoiar a tentativa da Geórgia de aderir à OTAN. A resposta da Rússia a esses acontecimentos foi fortalecer suas relações militares com as duas repúblicas separatistas da Geórgia, Abkházia e Ossétia do Sul (ERŞEN, 2017).

Vladimir Putin afirmou não ter gostado do fato da Turquia não se comunicar imediatamente e diretamente com a liderança russa após a derrubada, mas voltou-se para seus aliados da OTAN. Além disso, a afirmação do presidente russo se que: "A Turquia nos apunhalou pelas costas", expressa verdadeiramente os sentimentos de uma pessoa que se vê enganada por um dos líderes ao qual Putin tinha mais aproximação e afinidade (ERŞEN, 2017).

Por outro lado, na Turquia, tanto o público em geral quanto membros do AKP afirmaram que a Rússia apoiava diretamente o PKK. Enquanto o PKK passou a ser percebido como a ameaça interna mais importante, a Rússia é agora a ameaça externa mais perigosa. Transmitir a concepção de uma ameaça nacional à Turquia principalmente através desses dois atores, no entanto, poderia ser altamente problemático a longo prazo, pelo menos se esta concepção superar a percepção de um perigo maior que representam os jihadistas (ALARANTA, 2016).

Nesse contexto, é importante entender que a posição antiocidental e pró-islâmica do regime do AKP não é um dispositivo retórico, mas um elemento essencial que define o partido como um movimento político (ALARANTA, 2016). Tendo essas premissas em mente, surge a questão das relações complicadas com a Rússia. A ideologia de Estado antiocidental do regime em Moscou, as imagens de uma antiga civilização imperial Ortodoxa Russa lutando contra um ocidente "imoral", possuem diversas semelhanças se comparadas com o projeto islâmico-conservador do ACP turco ao qual está destinada a se tornar líder do mundo sunita-islâmico (ERŞEN, 2017).

Como abordado no primeiro capítulo, a ideia de um mundo que dividido em civilizações desenvolvido no livro "profundidade estratégica" de Ahmet Davutoglu, gera uma enorme influência sobre a política externa do ACP, Trazendo a Rússia como um inimigo "natural" da Turquia, enquanto os países como a Síria, são tratados como atores secundários (Davutoğlu, 2001).

É claro que há um número de países terceiros que percebem a crescente animosidade russo-turca como uma grande ruptura. Além da OTAN, que repetidamente pediu à Turquia e à Rússia que reduzissem seu recente conflito, vários países pós-soviéticos (como o Cazaquistão, Turcomenistão, Geórgia e Azerbaijão) manifestaram seus temores em relação ao aumento da tensão entre os países. O Cáucaso e a Ásia Central, salientam que a Turquia e a Rússia deveriam restabelecer seu antigo bom relacionamento o quanto antes. No entanto, os pedidos de uma maior "responsabilidade" nos atos das duas nações, não foram suficientes para mudar o curso dos acontecimentos. (ALARANTA, 2016)

A Turquia que é conhecida por ser fortemente dependente de fontes de energia russas (majoritariamente do gás natural), lançou uma campanha vigorosa para o aumento das fontes de energia alternativa, em particular tentando aumentar o volume de gás fornecido pelo Azerbaijão. Por outro lado, a Rússia precisa da Turquia como um importante consumidor de energia. Contudo, não há dúvida de que ambos os países se preparavam para um longo período de animosidade (IBRAHIMOV, 2016).

Estas tensões foram ainda mais alimentadas por outro incidente: em 29 de janeiro de 2016, o Ministério do Exterior turco acusou a Rússia de novamente violar o espaço aéreo turco. Este incidente foi intensamente atacado pela mídia turca, com o presidente Erdogan anunciando que a Rússia "teria que suportar as consequências de tais ações". No lado russo isso foi classificado como puro blefe. O vice Duma Leonid Kalashnikov disse que a alegação de outra violação do espaço aéreo foi apenas uma tentativa desesperada Presidente Erdoğan em restabelecer o contato com o presidente Putin. (ALARANTA, 2016)

3.1 Processo de normalização das relações

Pode-se argumentar que os reflexos econômicos e geopolíticos influenciaram Ancara e Moscou a caminharem em direção a normalização das relações. No caso da Turquia, a luta contra o ISIS e o PKK tornou-se um fator ainda mais crítico à medida que seus ataques contra as forças de segurança turcas e civis se intensificaram durante o período de 2015-2016 (BECHEV, 2016). A reconciliação com Moscou, nesse sentido, tornou-se um imperativo para Ancara, a fim de tomar medidas de segurança transfronteiriças no norte da Síria. A Rússia, por outro lado, exigiu uma maior cooperação da Turquia como um importante ator regional para garantir seus interesses de longo prazo no Oriente Médio e no Mar Negro, após suas dispendiosas intervenções na Ucrânia e na Síria. Os desacordos entre Ancara e Washington devido ao aumento do apoio dos EUA às forças do YPG na Síria também proporcionaram a Moscou a oportunidade de explorar o crescente abismo entre os aliados da OTAN. (ERŞEN, 2017).

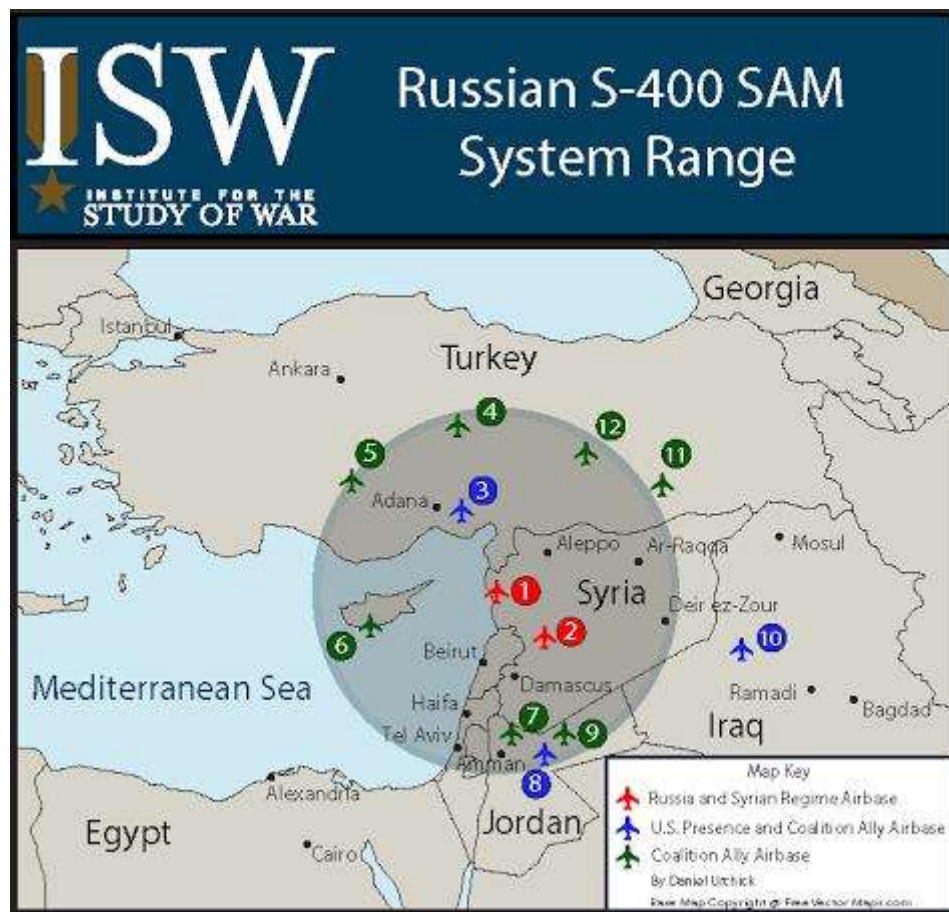
O processo de normalização nas relações turco-russas teve início oficialmente com a carta redigida pelo Presidente Erdoğan ao Presidente Putin em 27 de junho de 2016.¹⁷ A carta foi muito bem recebida por Moscou e os dois líderes se reuniram em São Petersburgo em agosto do mesmo ano. No entanto, a tentativa de golpe que ocorreu na Turquia em 15 de julho de repente deu um novo significado ao processo de normalização turco-russo. Tanto Moscou quanto Teerã expressaram forte apoio ao governo turco, enquanto as reações oficiais dos aliados da OTAN na Turquia foram inesperadamente hesitantes e mistas. Este fato criou decepção turca em relação às suas relações com os EUA e a UE, dando um verdadeiro impulso à reconciliação turco-russa (ERŞEN, 2017).

Após algumas semanas da tentativa de golpe na Turquia, Erdoğan e Putin finalmente se uniram pela primeira vez desde a crise dos jatos de combate. A união em 9 de agosto de 2016 restaurou laços bilaterais nos campos de comércio, energia e turismo. Nos meses seguintes, os dois líderes se encontraram várias vezes e se falavam com frequência ao telefone - especialmente sobre a situação na Síria. Durante a visita de Putin a Istambul em outubro de 2016, foi assinado o acordo intergovernamental para a construção do gasoduto *Turkish Stream*, que deverá fornecer grandes quantidades de gás natural russo à Turquia até o final de 2019 (ERŞEN, 2017).

¹⁷ “Vladimir Putin recebe carta do presidente da Turquia Recep Tayyip Erdogan”, 2016. Disponível em: <<http://kremlin.ru/events/president/news/52282>> Acesso em: 24/09/2018

Além disso, a Turquia e a Rússia confirmaram seu compromisso de terminar a construção da usina nuclear de Akkuyu. Para isto, o governo turco chegou a concordar em atribuir um status de “investimento estratégico” ao projeto Akkuyu (IBRAHIMOV, 2016). Ancara também expressou seu interesse em comprar o sistema de mísseis russo S-400 ¹⁸ para desenvolver sua própria defesa nacional contra mísseis, apesar das preocupações das autoridades da OTAN.¹⁹ Após meses de negociações, Erdoğan finalmente anunciou que o acordo S-400 foi assinado e que um pagamento inicial foi feito a Moscou pela compra. (BECHEV, 2016).

Figura 6. Mapa demonstrativo do poder de alcance do sistema antimísseis



Fonte: Institute for the Study of War, 2017.

Em relação à Síria, por outro lado, a Turquia e a Rússia concordaram em estabelecer um mecanismo especial para consultas reforçadas entre o Ministério das Relações Exteriores

¹⁸ O S-400 é um sistema de armas antiaéreas desenvolvido na década de 1990 pelo Almaz Central Design Bureau, da Rússia, podendo alcançar alvos até 400 km de distância da posição original. (Fighter Sweep, 2018)

¹⁹ Turkey's Interest in Russian Missile System May Spark New Tension with NATO, 2016. Disponível em: <http://www.dailysabah.com/politics/2016/08/17/turkeys-interest-in-russian-missile-system-may-spark-new-tension-with-nato>> Acesso em 25/09/2018

dos dois países, funcionários de inteligência e funcionários gerais (BECHEV, 2016). Um dos principais resultados desse fortalecido diálogo militar foi o lançamento em Ancara da “Operação Escudo do Eufrates” em agosto de 2016 em cooperação com as unidades do Exército Livre da Síria (FSA) para libertar a região de Azaz a Jarablus no norte da Síria das forças do ISIS e YPG (ERŞEN, 2017).

A possibilidade do surgimento de uma região curda autônoma no norte da Síria tornou-se uma ameaça mais concreta no ano de 2016 quando as forças democráticas sírias apoiadas pelos EUA desempenharam um papel de liderança e libertaram a cidade de Manbij no oeste do rio Eufrates. A Turquia ficou alarmada com este desenvolvimento, não só devido ao aumento do nível de cooperação militar entre as forças dos EUA e YPG, mas também porque este último chegou muito perto de alcançar seu objetivo de unificar os três cantões curdos no norte da Síria - Jazira, Kobani e Afrin (KINIKLIOGU, 2016).

Pode-se argumentar, a esse respeito, que Ancara decidiu se aproximar do eixo russo-iraniano na Síria, principalmente porque esses dois países enfatizaram repetidamente a integridade territorial do país. Embora o Kremlin também tenha desenvolvido relações mais estreitas com os curdos sírios nos últimos anos, o início do processo de reconciliação turco-russo, bem como o desenvolvimento de ligações militares entre Washington e o YPG, influenciaram as percepções da Rússia sobre esse assunto (ERŞEN, 2017). A alienação do governo turco em relação aos EUA após a tentativa de golpe também desempenhou um papel importante nesse quadro. Soma-se a isto a relutância das autoridades norte-americanas em extraditar Fetullah Gülen, supostamente o mentor da tentativa de golpe, além do crescente apoio militar de Washington às forças do YPG, que acabou incitando Ancara a buscar a parceria de Moscou e Teerã na questão síria (KINIKLIOGU, 2016).

A cooperação reforçada da Turquia com a Rússia e o Irã na Síria produziu resultados significativos em um período extraordinariamente curto. Acima de tudo, essa cooperação permitiu a Ancara alcançar os dois principais objetivos propostos da Operação Escudo do Eufrates: impedir a unificação dos três cantões curdos e expulsar os militantes do Estado Islâmico do norte da Síria (ERŞEN, 2017). De fato, a captura do reduto ISIS de al-Bab pelas forças turcas em março de 2017 foi facilitada com o apoio ativo de caças russos. O diálogo turco-russo também foi crucial para acabar com a crise humanitária em Aleppo, sob o cerco das forças de Assad e da Rússia no final de 2016, e especialmente para evacuar milhares de civis da cidade. Em relação a essa questão, o ministro russo das Relações Exteriores russo, Lavrov, chegou a dizer que as conversas com Ancara provaram ser muito mais eficazes do que meses de “conversa fértil e infrutífera” com Washington (BECHEV, 2016).

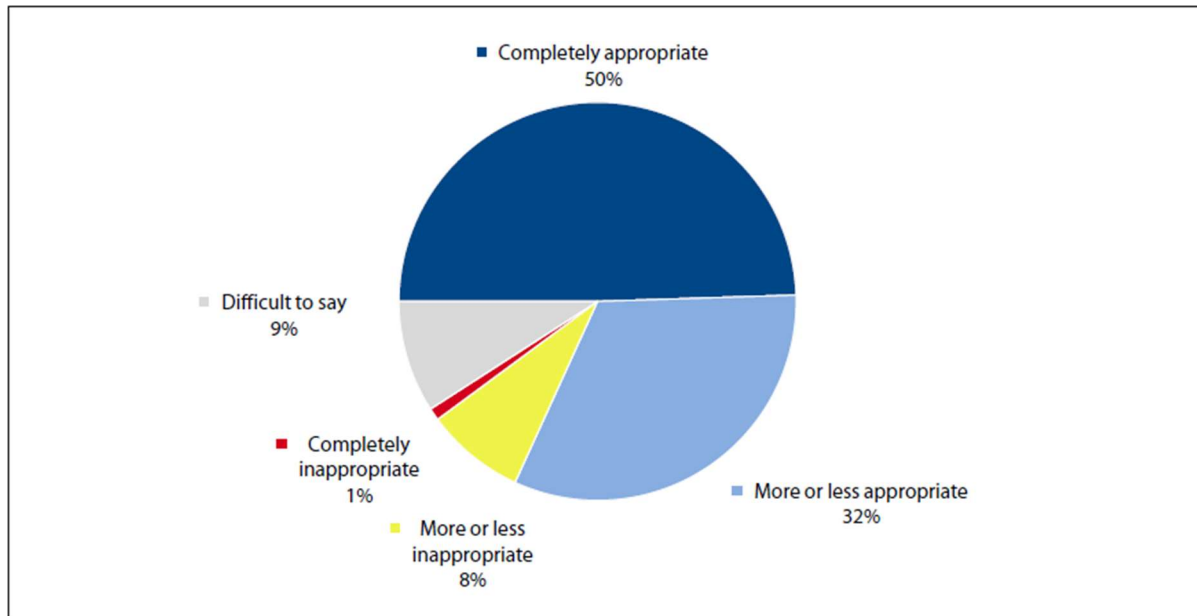
Ao mesmo tempo, no entanto, as massivas baixas civis causadas pela operação conjunta do regime de Assad e da Rússia em Aleppo desencadearam enormes reações contra Moscou no público turco. Deve-se notar a este respeito que o embaixador russo, Andrey Karlov, foi morto em Ankara em dezembro de 2016 durante sua visita a uma exposição de arte de um policial turco de folga que gritou: “Não se esqueça de Aleppo, não esqueça da Síria.” (BECHEV, 2016). Embora o incidente permaneça sob investigação de autoridades turcas e russas, tem sido alegado que os envolvidos realmente pretendiam fazer uso dos sentimentos anti-russos em ascensão na Turquia para minar o processo de reconciliação entre os dois países. Apesar disso, deve ser enfatizado que Ancara e Moscou preferiram agir em estreita comunicação uns com os outros após o incidente e condenaram conjuntamente o ataque como um "ato de terrorismo". (ERŞEN, 2017).

Mais importante, apenas um dia após o assassinato do embaixador Karlov, os ministros das Relações Exteriores da Turquia, Rússia e Irã se reuniram em Moscou para assinar uma declaração de um abrangente cessar-fogo e um eventual acordo de paz na Síria. O documento enfatizou particularmente a integridade territorial da Síria e designou a Frente al-Nusra - que mais tarde mudou seu nome para Fatah al-Sham - e o ISIS como os dois grupos terroristas a serem excluídos do novo processo de cessar-fogo na Síria. Contudo, a declaração de Moscou tenha sido vista por alguns na Turquia como uma grande concessão à Rússia e ao Irã, principalmente porque significou o abandono de Ancara do objetivo anteriormente declarado de remover Assad do poder (ERŞEN, 2017).

Deve-se enfatizar que os EUA, que esteve presente como ator principal na mesa de negociação em quase todos os esforços de paz anteriores sobre a Síria, foram largamente marginalizados pela Turquia, Rússia e Irã no recém-iniciado processo de paz. Um exemplo disto é que os três países concordaram em estabelecer quatro zonas de desescalada na Síria nas quais as hostilidades entre as forças do governo e grupos armados de oposição seriam suspensas por seis meses com o objetivo de facilitar a assistência humanitária, o retorno de civis deslocados e restauração de infraestrutura danificada (ERŞEN, 2017).

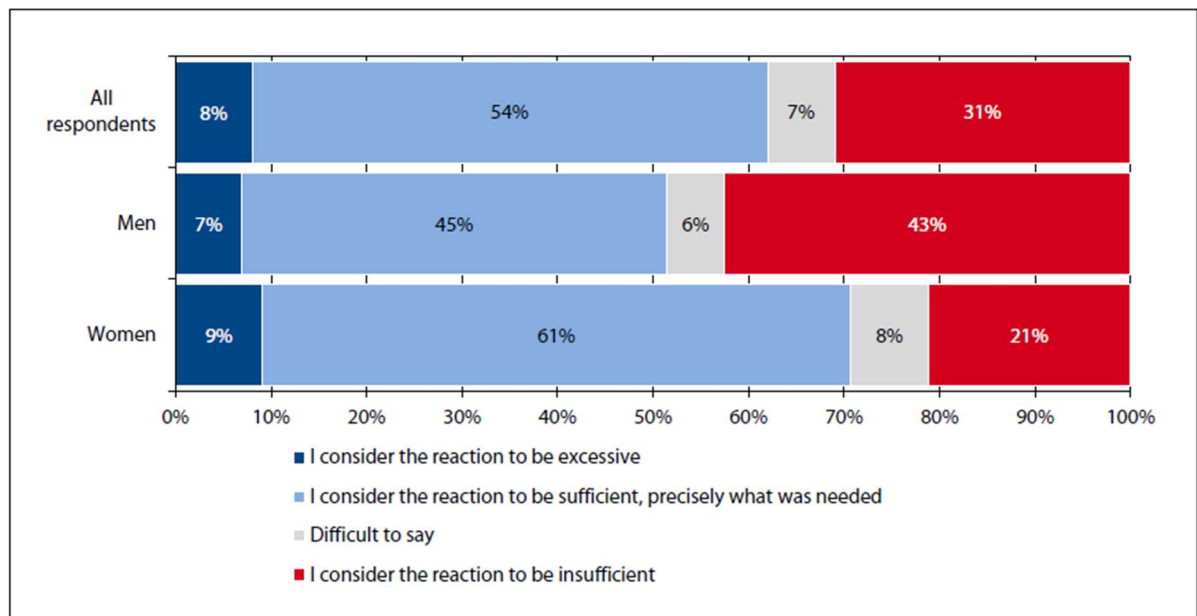
Após a desescalada das tensões entre os dois países e o retorno do diálogo a níveis próximos ao anterior da derrubada do Su-24, outras rodadas de pesquisa aconteceram na Rússia, no intuito de verificar a opinião dos cidadãos russos acerca do desenvolvimento das relações dos dois países pós-derrubada. Foram feitas as seguintes perguntas:

Figura 7. Você acha que a reação da Rússia a derrubada do avião russo foi apropriada ou inadequada?



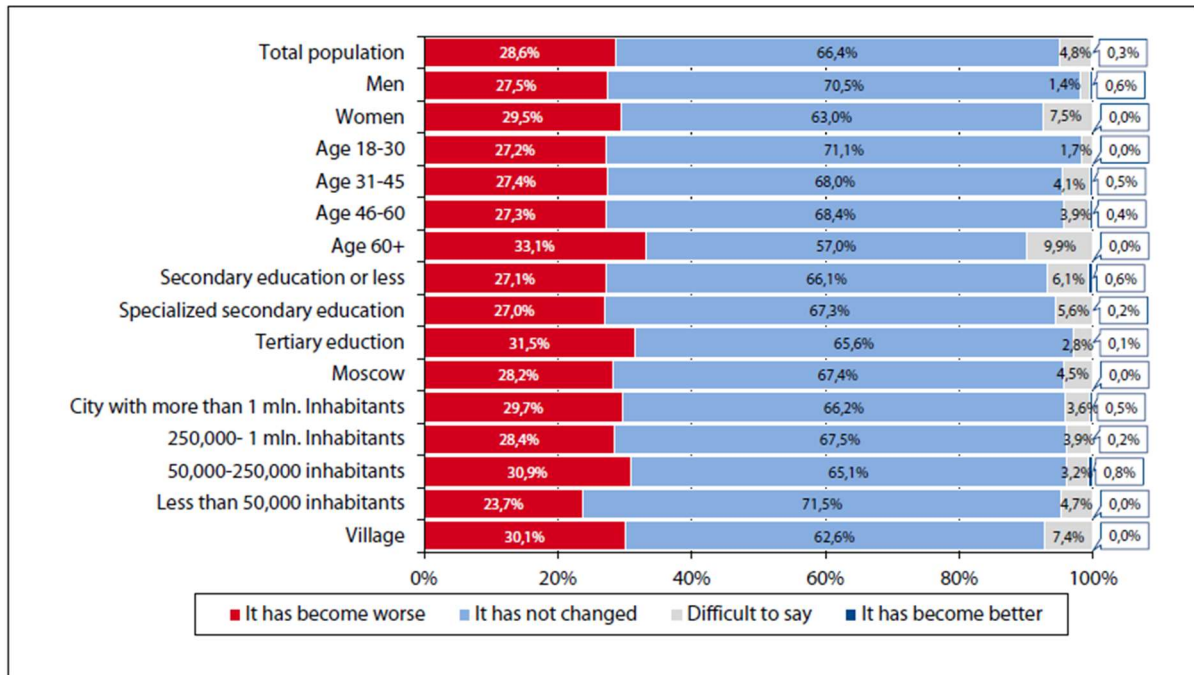
Fonte: Levada Center, 2015. Disponível em: <<http://www.levada.ru/2015/12/18/itogi-uhodyashhego-goda-i-sa-mye-vazhnye-sobytiya-2015-go/>> Acesso em 29/09/2018

Figura 8. Como você avalia a reação da Rússia à derrubada do avião russo?



Fonte: Levada Center, 2015. Disponível em: <<http://www.levada.ru/2015/12/18/itogi-uhodyashhego-goda-i-sa-mye-vazhnye-sobytiya-2015-go/>> Acesso em 29/09/2018

Figura 9. Sua atitude em relação aos turcos ultimamente se tornou melhor, pior, ou ela permaneceu a mesma?



Fonte: Levada Center, 2015. Disponível em: <<http://www.levada.ru/2015/12/18/itogi-uhodyashhego-goda-i-sa-mye-vazhnye-sobytiya-2015-go/>> Acesso em 29/09/2018

Percebe-se que a opinião pública na Rússia, apesar das tensões nos anos de 2015, considerou que as medidas que foram tomadas pelo governo russo estiveram dentro de suas perspectivas. É importante notar, que a opinião do povo russo em relação aos turcos permaneceu majoritariamente a mesma, demonstrando que o episódio não trouxe uma divisão maior das opiniões já formadas antes do acontecimento. Sem dúvidas, este fato tornou mais fácil a reaproximação dos dois países, quando somados com os diversos fatores que foram explanados acima.

CONCLUSÃO

Atualmente, a região do Oriente Médio configura-se como o epicentro de disputas geopolíticas em diversas frentes. É importante citar que estas disputas carregam uma dimensão histórica extremamente forte, onde através dos séculos, estas disputas sofreram mudanças na sua intensidade e nos atores que delas participavam, mas que jamais deixou de estar desempenhando um papel de protagonismo na geopolítica mundial.

A região, hoje, sofre com Estados falidos e completamente devastados por guerras civis. A Primavera Árabe que eclodiu em 2011, trouxe consigo novas esperanças de que um mundo mais justo e democrático estava chegando à uma terra onde ditaduras que perduravam por séculos eram parte da história regional. Porém, o que se viu é que em países como Líbia e Síria, esta onda de libertação transformou-se em um verdadeiro banho de sangue, levando estes Estados a não poderem oferecer um mínimo de estrutura para que sua população possa continuar sua vida.

A desestabilização do Oriente Médio permitiu que potências extrarregionais e globais se fizessem presentes na região a fim de preservarem ou implantarem seus objetivos geopolíticos e geoestratégicos. Na Síria, especificamente, um novo equilíbrio de poder está se solidificando. A Turquia e a Rússia desempenham um papel crucial no conflito, seja disputando posições e até concordando em estabelecer zonas de controle. A meta da Rússia é transformar a sua posição no Oriente Médio em vantagens em áreas que são mais importantes para Moscou, como na Crimeia. Como vimos, a Turquia tem sido historicamente uma ameaça potencial à Rússia porque Ancara controla o Bósforo, uma passagem estreita que, se bloqueada, obstruiria o acesso de Moscou ao Mediterrâneo.

A guerra na Síria demonstra que a teoria de Mackinder sobre o “*pivot*” global e seus arredores ainda se faz presente na conjuntura atual. A Rússia mantém uma preocupação especial com o seu entorno estratégico, inclusive com a Turquia. Qualquer perturbação no equilíbrio, que esteja inserido neste entorno, representará uma ameaça real à paz e a soberania dos países pertencentes ao “*Heartland*” e ao “*Inner Crescent*”.

Como vimos, as relações entre a Rússia e a Turquia sempre estiveram fortemente ancoradas em questões geopolíticas, onde a formulação da política externa dos dois países buscavam compreender seus objetivos frente aos seus interesses, e que, portanto, inevitavelmente pela proximidade geográfica e inserção no entorno estratégico de ambos, os levaram aos diversos conflitos diplomáticos ao longo do século XX.

Com a base histórica em mente, e ao olharmos para os acontecimentos recentes, o abate do bombardeiro Su-24 foi um resultado, e não uma causa da deterioração das relações. Ambas as partes decidiram aprofundar a cooperação bilateral em questões econômicas, mas ignoraram discutir os problemas regionais existentes de maneira construtiva. Enquanto eles continuaram a agir estrategicamente com o impulso dos interesses econômicos, as abordagens conflitantes para problemas regionais erodiram a confiança mútua na qual as relações bilaterais estavam baseadas. Moscou e Ancara consideravam a cooperação em todas as outras áreas tão importante e bem-sucedida que acabaram acreditando que o impacto sírio poderia ser evitado ou simplesmente deixado de lado.

De fato, após um período de contenção e um esforço para apresentar uma imagem de relações adequadas, as relações russo-turcas se deterioraram, especialmente após a derrubada do caça Su-24. No Oriente Médio, as aspirações geopolíticas russas e turcas raramente estão em sincronia, e a crise em desenvolvimento no Golfo Pérsico coloca em foco essa fraca compatibilidade.

O abatimento do avião de combate russo não foi a causa, mas sim o sintoma de uma reversão na dinâmica geopolítica subjacente à cooperação prévia entre os dois países. Nos anos que precederam a revolta no mundo árabe, a Rússia promoveu com sucesso relações estreitas com o eixo antiocidental radical, junto com a promoção de seus objetivos econômicos e de segurança. Em conjunto, a Rússia consolidou seu status regional de mediador em crises regionais. No entanto, a maioria desses ativos foi prejudicada pela turbulência no mundo árabe.

Consequências negativas específicas para a Rússia incluem a posição elevada do islamismo político, que ameaça transbordar para a própria Rússia. Os novos objetivos da Rússia incluem preservar sua presença na região, que considera um elemento essencial em seus objetivos globais, e cultivar seu interesse no processo de moldar a ordem regional futura a fim de assegurar seu status e o de seus apoiadores.

Após um período inicial de confusão e busca de soluções no esforço para compensar os danos causados pela reviravolta regional e reabilitar a posição alcançada meticulosamente, a Rússia adotou sua política atual, que apresenta muitos desafios para seus rivais regionais e globais. Após uma reavaliação geral baseada nas lições negativas aprendidas com os eventos revolucionários no norte da África, a Rússia escolheu sua atual política de continuar e até aumentar seu apoio ao eixo radical no Oriente Médio.

Sua principal medida nesse contexto é o apoio ao regime de Assad em sua luta pela sobrevivência, que envolve a proteção da área de batalha contra intervenções externas

enquanto fornece apoio direto ao regime. Essa estratégia até agora se mostrou bem-sucedida em ganhar tempo tanto para o regime quanto para a Rússia. No entanto, a Rússia tem investido muito esforço para conseguir um diálogo com os outros jogadores na Síria e na região, com o objetivo claro de estabelecer as bases para permanecer na Síria, caso Assad caia e o eixo radical enfraqueça. Os esforços russos envolvendo o Egito, o Iraque e os países do Golfo Pérsico também podem ser citados nesse contexto.

Por outro lado, a Turquia desafiou esses interesses russos por seus esforços para alcançar liderança na região e no mundo muçulmano. As suas atividades para este fim incluem a ajuda direta aos rebeldes sírios e, como a potência disponível mais significativa na região, prontidão para intervir militarmente na Síria - que até agora foi desviado em parte por Oposição russa.

Como vimos no último capítulo deste trabalho, apesar da deterioração das relações turco-russa após o início da crise dos jatos, os dois países passaram, posteriormente, a diminuir as tensões devido a uma percepção mútua de que o conflito na Síria não coloca os dois países em posições completamente antagônicas. Inclusive havendo sinais de que um alinhamento de curto prazo está surgindo entre a Turquia e a Rússia. A Turquia precisa se expandir para a Síria para eliminar as ameaças dos insurgentes sunitas radicais em suas fronteiras, para checar o poder do Irã na Síria e para manter os curdos sírios fracos no Norte. Para a Rússia, até o momento obteve sucesso em sua estratégia para o Oriente Médio - ganhando influência em uma área da qual os EUA se preocupam profundamente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AKTÜRK, S. **A crise nas relações Russo-turcas, 2008–2015.** *Russian Analytical Digest*, v. 179, p. 2-5, 2016.

AKTÜRK, S. **Russian–Turkish Relations in the 21st Century, 2000–2012.** *Russian Analytical Digest*, v. 125, p. 2-5, 2013.

AKTÜRK, Şener. **Turkey’s Role In The Arab Spring And The Syrian Conflict.** 2017. Disponível em: <http://turkishpolicy.com/files/articlepdf/turkeys-role-in-the-arab-spring-and-the-syrian-conflict_en_4321.pdf>. Acesso em: 06 set. 2018.

ALARANTA, Toni. **Russo–Turkish Relations: Completely in Tatters for the Time Being.** *Russian Analytical Digest*, Helsink, p.5-9, fev. 2016.

ARAFAT, Prof. Dr. Mohamad; ALNUAIMY, Dr.luqman O. Mahmood. **THE TURKISH-RUSSIAN RELATIONS IN THE ERA OF AKP.** Disponível em: <<http://dergipark.gov.tr/download/article-file/18917>>. Acesso em: 08 ago. 2018.

ARAS, Bulent. **Turkey And The Russian Federation; An Emerging Multidimensional Partnership.** 2009. Disponível em: <<https://www.setav.org/en/turkey-and-the-russian-federation-an-emerging-multi-dimensional-partnership/>>. Acesso em: 14 ago. 2018.

BAEV, Pavel K.; KIRIŞCI, Kemal. **An ambiguous partnership: The serpentine trajectory of Turkish-Russian relations in the era of Erdoğan and Putin.** Massachusetts: Brookings, 2017

BAĞCI, HÜseyin. **Changing geopolitics and Turkish foreign policy.** *Annales*, Lublin, p.98-115, 2015.

BARRINHA, André. **Relações Rússia-Turquia da rivalidade à parceria estratégica.** A Política Externa Russa no Espaço Euro-atlântico Dinâmicas de Cooperação e Competição Num Espaço Alargado, Coimbra, p.253-272, ago. 2014.

BECHEV, Dimitar. **Russian-Turkish relations in crisis.** *Russian Analytical Digest*, v. 179, p. 9-16, 2016. BORDACHEV, Timotei. **Eurasian Russia in the twenty-first century.** Disponível em: <https://www.ecfr.eu/page/-/ecfr103_russia_collection_290514_aw.pdf>. Acesso em: 29 ago. 2018.

BECHEV, Dimitar. **Russian–Turkish Relations In Crisis.** *Russian Analytical Digest*, Helsink, p.9-15, fev. 2016.

BĒRZIŅĻ, Jānis. **Civil War in Syria: Origins, Dynamics, and Possible Solutions.** 2013. Disponível em: <<http://www.naa.mil.lv/~media/NAA/AZPC/SA-07p.ashx>>. Acesso em: 12 ago. 2018.

BRZEZINSKI, Z. **The Grand Chessboard: American Primacy and Its Geostrategic Imperatives**. Washington: Basic Books, 1997. p. 223.

BUGAJSKI, J.; DORAN, P. B. **Black Sea Rising: A estratégia da Rússia do Sudeste da Europa**. Center for European Policy Analysis. Washington, p. 1-20. 2016.

BUNDESTAG, Deutsche. **Der Syrienkrieg – Akteure und Verhandlungen**. Berlim: Wissenschaftliche Dienste, 2017.

BUZAN, Barry; WEVER, Ole. **Regions and Powers: the structure of international security**. Cambridge/New York: Cambridge University Press, 2003.

COCKBURN, P. “**Syrian civil war: Could Turkey be gambling on an invasion?**”, The Independent. 2016. Disponível em: <http://www.independent.co.uk/news/world/middle-east/syrian-civil-war-could-turkey-be-gambling-on-an-invasion-a6844171.html>

COLLINS, Dylan. **Syria war: 'Worst man-made disaster since World War II'**. 2017. Disponível em: <https://www.aljazeera.com/indepth/features/2017/03/syria-war-worst-man-made-disaster-world-war-ii-170315054907704.html>. Acesso em: 18 ago. 2018.

CONANT, M. A.; GOLD, F. R. **A Geopolítica Energética**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1981.

DAVUTOĞLU, A.; STRATEJIK, D.: **Türkiye'nin Uluslararası Konumu**. Istanbul: Küre Yayınları, 2001

D'AMATO, A. **Syria 'worst man-made disaster since World War II'**. 2017. Disponível em: <https://news.un.org/en/story/2017/03/553252-syria-worst-man-made-disaster-world-war-ii-un-rights-chief>

DHAR, S. **Nowhere to run – The worst refugee crisis since the second world war**. 2018. Disponível em: <http://www.cadtm.org/Nowhere-to-run-The-worst-refugee-crisis-since-the-second-world-war>.

DORIAN, J; SAFAROVA D. “**Turkey Hunts for Alternatives to Russian Energy**”, EurasiaNet, 2016. Disponível em: <http://www.eurasianet.org/node/77016>.

ERSEN, Emre. **Evaluating the Fighter Jet Crisis in Turkish-Russian Relations**. 2017. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/pdf/26300559.pdf>. Acesso em: 26 set. 2018.

GOTTESMAN, E. “**The Caspian States in Russia's Military Bind**”. The Diplomat, 2015. Disponível em: <http://thediplomat.com/2015/11/turkey-russia-tensions-put-caspian-states-in-a-bind/>

GÜRTUNA, Anil. **Turkish-Russian relation in the post soviet era: from conflict to cooperation?** 2006. 121 f. Tese (Doutorado) - Curso de Relações Internacionais, The Graduate School Of Social Sciences Of Middle East Technical University, Istanbul, 2006.

HADJIPAVLIS, Panayiotis. **The Downing of the Russian Warplane by Turkey.** 2015. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/314235618_The_Downing_of_the_Russian_Warplane_by_Turkey/>. Acesso em: 22 set. 2018.

HARMER, Christopher. **Russia's Syrian Naval Base.** The Diplomat. Disponível em: <<http://thediplomat.com/flashpoints-blog/2012/08/21/russias-syrian-navalbase/>>. Acesso em: 29 jul. 2018.

Harmoon Center for Contemporary Studies. **Determinants and Prospects of the Russian-Turkish Relations.** Harmoon, Gaziantep, p.3-26, jun. 2017.

HENRY, Etienne. **The Sukhoi Su-24 Incident between Russia and Turkey.** 2016. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/301660301_The_Sukhoi_Su-24_Incident_between_Russia_and_Turkey/>. Acesso em: 05 ago. 2018.

HUNTINGTON, S. **The clash of civilizations and the remaking of world order.** New York: Simon & Schuster, 1996.

IBRAHIMOV, Ibrahim. **The response of Turkey and Russia after Jet Crisis and the implications for the South Caucasus.** 2016. Disponível em: <http://cesd.az/new/wp-content/uploads/2016/01/CESD_Paper_-Turkey_Russia_Relations.pdf>. Acesso em: 18 set. 2018.

KINIKLIOGLU, Suat. **What does Turkey want in Syria and why?** 2016. Disponível em: <<https://www.dcaf.ch/sites/default/files/publications/documents/DCAF-STRATIM-Paper-1.pdf>>. Acesso em: 14 set. 2018.

KUCHINS, A. MANKOFF, J. **Turkey, Russia and Iran in the Caucasus.** In: The Turkey, Russia, Iran Nexus: Evolving Power Dynamics in the Middle East, the Caucasus, and Central Asia. Tradução . 1. ed. Washington: CSIS, 2013.

LI, Tung Yui. **The Role of Power Plays in the Syrian Crisis.** 2016. Disponível em: <https://repository.hkbu.edu.hk/cgi/viewcontent.cgi?article=1008&context=lib_ugaward>. Acesso em: 05 ago. 2018.

MACKINDER, Sir Halford John. **"The Geographical Pivot of History"**, Geographical Journal, Royal Geographical Society London, April 1904 , vol. XXIII

MELLO, Leonel Itaussu. “Halford Mackinder e a geopolítica do Heartland”. In: **Quem tem medo da geopolítica?** São Paulo: Edusp/Hucitec. 1999.

OLIVEIRA, L. **Energia como recurso de poder na política internacional: geopolítica, estratégia e o papel do Centro de Decisão Energética.** Doutor—[s.l.] Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2012.

ÖZBAY, Fatih. **The Relations between Turkey and Russia in the 2000s.** 2011. Disponível em:

<https://www.researchgate.net/publication/289088222_The_relations_between_Turkey_and_Russia_in_the_2000s>. Acesso em: 06 set. 2018.

ÖZERTEM, Hasan Selim. **Turkey And Russia: A Fragile Friendship.** Disponível em: <<http://turkishpolicy.com/article/847/turkey-and-russia-a-fragile-friendship>>. Acesso em: 26 set. 2018

PABST, Martin. **Der Krieg In Syrien.** 2017. Disponível em: <https://www.hss.de/download/publications/PS_471_NAHER_OSTEN_05.pdf>. Acesso em: 18 ago. 2018.

RABASA, Angel; LARRABEE, F. Stephen. **The AKP’s Foreign Policy: The Rise of Political Islam in Turkey.** California: Rand Corporation., 2008. p. 75-90.

RATZEL, F. **Géographie Politique.** Tradução. Paris: Genève: Editions Regionales Européennes, 1988. p. 385

ROCHA, D; ALVES, J. P. **A geopolítica das relações entre Rússia e Turquia.** Revista Perspectiva. 2017. Disponível em: <seer.ufrgs.br/index.php/RevistaPerspectiva/article/download/80345/47151>

Russian Government. **The Russian Federation's National Security Strategy.** Moscou: Russian Federation, 2015.

Russian Government. **The Military Doctrine of the Russian Federation.** Moscou: Russian Federation, 2014.

STIFTUNG, Bertelsmann. **Fakten zur Europäischen Dimension von Flucht und Asyl: Syrien.** Disponível em: <https://www.bertelsmannstiftung.de/fileadmin/files/user_upload/EZ_Factsheet_Syrien_1603_03_DT.pdf>. Acesso em: 05 set. 2018.

TALUKDAR, Indrani. **Russia’s Strategic Interest in Syria.** Disponível em: <<https://icwa.in/pdfs/IB/2014/RussiaStrategicInterestinSyriaIB16052016.pdf>>. Acesso em: 29 set. 2018.

TAMMINGA, Oliver; KAIM, Markus. **Russia's Military Intervention in Syria**. 2015. Disponível em: <https://www.swp-berlin.org/fileadmin/contents/products/comments/2015C48_kim_tga.pdf>. Acesso em: 18 set. 2018.

TRENIN, Dmitri. **Drivers of Russia's foreign policy**. 2014. Disponível em: <https://www.ecfr.eu/page/-/ecfr103_russia_collection_290514_aw.pdf>. Acesso em: 29 ago. 2018.

YEŞILTAŞ, Murat; SEREN, Merve; ÖZÇELİK, Necdet. **Operation Euphrates Shield Implementation And Lessons Learned**. 2017. Disponível em: <https://setav.org/en/assets/uploads/2017/11/R97_Euphrates.pdf>.